

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ANA ALICE DA COSTA

**PROGRAMA CRIANÇAS E JOVENS DO RIO GRANDE ESCRREVENDO
HISTÓRIAS: 25 ANOS DE ESCRITA E LEITURA, UMA MEMÓRIA A RECUPERAR**

Porto Alegre
2017

ANA ALICE DA COSTA

**PROGRAMA CRIANÇAS E JOVENS DO RIO GRANDE ESCRREVENDO
HISTÓRIAS: 25 ANOS DE ESCRITA E LEITURA, UMA MEMÓRIA A RECUPERAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr^a. Eliane Lourdes da
Silva Moro

Porto Alegre

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Prof. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Chefe substituto: Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador substituto: Prof. Dr. Renê Faustino Gabriel Júnior

CIP - Catalogação na Publicação

Costa, Ana Alice da
Programa Crianças e Jovens do Rio Grande
Escrevendo Histórias: 25 anos de escrita e leitura,
uma memória a recuperar / Ana Alice da Costa. -- 2018.
104 f.
Orientadora: Eliane Lourdes da Silva Moro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Programa Crianças e Jovens do Rio Grande
Escrevendo Histórias. 2. Memória Social. 3. Leitura e
Escrita. I. Moro, Eliane Lourdes da Silva, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705, – Bairro Santana

CEP. 90035-007 – Porto Alegre (RS)

Telefone: (51) 3308.5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Ana Alice da Costa

**PROGRAMA CRIANÇAS E JOVENS DO RIO GRANDE ESCRREVENDO
HISTÓRIAS: 25 ANOS DE ESCRITA E LEITURA, UMA MEMÓRIA A RECUPERAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Data da aprovação: ____ de _____ 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro – UFRGS (Orientadora)

Prof^a. Dra. Jeniffer Alves Cuty – UFRGS

Prof^a. Dra. Lizandra Brasil Estabel – IFRS

AGRADECIMENTOS

Ao final desta trajetória tão importante da minha vida, não poderia deixar de agradecer àqueles que estiveram ao meu lado durante todo este tempo.

Primeiramente, agradeço a Deus, que me deu resiliência para chegar até aqui.

Ao meu companheiro e amigo João, que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, agradeço pelo amor, carinho, estímulo, paciência, compreensão e principalmente por acreditar em mim quando eu não mais acreditava.

À minha filha Sofia pela paciência, quando precisava de ajuda e eu não podia auxiliar.

Agradeço à querida Maria Joaquina, exemplo de profissional, que muito me auxiliou.

À querida amiga Daiane Barrili dos Santos, que sempre esteve ao meu lado nestes quatro anos e meio de faculdade, obrigada.

Agradeço a todos os colegas e amigos, principalmente, às queridas Claudina e Enise, pelos momentos especiais que passamos juntas.

Agradeço à minha querida orientadora Eliane Lourdes da Silva Moro, pelas dicas, pela compreensão nos momentos de angústia e conquistas durante o trabalho.

Às professoras Lizandra Brasil Estabel e Jeniffer Alves Cuty, que aceitaram participar da banca, muito obrigada!

Agradeço aos colegas do SEBE/SEDUC pelos conselhos, dicas e palavras de incentivo.

Ao colega Gabriel Silva, muito obrigada.

À bibliotecária Maria do Carmo Mizetti que me recebeu com todo carinho na Secretaria de Educação SEBE/SEDUC, contribuindo imensamente para meu aprendizado.

Enfim, a todos que, de alguma forma, me auxiliaram nesta jornada.

Muito obrigada!!

*O saber a gente aprende com os mestres
e os livros. A sabedoria se aprende é com
a vida e com os humildes.*

Cora Coralina

RESUMO

O presente trabalho aborda a memória social do Programa “Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias”, da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, que completa, em 2017, 25 anos de trajetória. Apresenta a memória social, um estudo sobre a diversidade e a inclusão social, a leitura e a escrita e a produção textual. Fundamenta-se nos resultados de uma pesquisa qualitativa, utilizando-se um estudo de caso e pesquisa documental, tendo como instrumentos de coleta de dados os 25 livros do Programa e a entrevista semiestruturada, realizada com nove autores dos livros publicados, duas Secretárias de Educação do Estado e duas Coordenadoras do Programa. Conclui sobre a importância em registrar a trajetória deste Programa de grande importância para a educação pública gaúcha. Este Programa abrange a diversidade e propicia a inclusão social estimulando a leitura e a produção da escrita, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, trazendo oportunidade para que ocorram a aprendizagem e o exercício da cidadania.

Palavras-chaves: Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias. Memória Social. Leitura e Escrita.

RESUMEN

El presente trabajo aborda la memoria social del Programa "Niños y Jóvenes del Río Grande Escribiendo Historias", de la Secretaría de Educación del Estado de Rio Grande do Sul, que completa en 2017, 25 años de trayectoria. Presenta la memoria social, un estudio sobre la diversidad y la inclusión social, la lectura y la escritura y la producción textual. Se fundamenta en los resultados de una investigación cualitativa, utilizando un estudio de caso e investigación documental, teniendo como instrumentos, de recolección de datos, los 25 libros del Programa y la entrevista semiestructurada, realizada con nueve autores de los libros publicados, dos Secretarías de Educación del Estado y dos Coordinadoras del Programa. Concluye sobre la importancia de registrar la trayectoria de este Programa de gran importancia para la educación pública gaucha. Este programa abarca la diversidad y propicia la inclusión social, estimulando la lectura y la producción de la escritura, desde la Educación Infantil a la Enseñanza Media, trayendo oportunidad para que ocurran el aprendizaje y el ejercicio de la ciudadanía.

Palabras claves: Programa Niños y Jóvenes de Río Grande Escribiendo Historias. Memoria Social. Lectura y Escritura.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo entre Integração e Inclusão.....	24
Quadro 2 – Gestão de 1993 a 2017.....	43
Quadro 3 – Trabalhos selecionados no Programa Crianças e Jovens Escrevendo Histórias.....	44
Quadro 4 – Critério de Avaliação dos textos “Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias”	46
Quadro 5 – Escolas que mais Participaram do Programa Crianças e Jovens Escrevendo Histórias.....	50
Quadro 6 – Sujeitos do Estudo - Secretárias e Coordenadoras.....	54
Quadro 7 – Sujeitos do Estudo - As Crianças e Jovens.....	55

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Desenhos dos Alunos da Educação Especial.....	26
Figura 2 –	Desenhos dos Alunos da Educação Indígenas.....	27
Figura 3 –	Texto da Finalista Jaíne Reuse.....	29
Figura 4 –	Desenhos da Educação Infantil.....	31
Figura 5 –	Desenho e Escrita de Paloma Puntel.....	35
Figura 6 –	Coordenadorias Regionais de Educação.....	47
Figura 7 –	Total de participação das CRE.....	49
Figura 8 –	Capas dos Livros do Programa.....	51
Figura 9 –	Capas dos Livros do Programa.....	52
Figura 10 –	Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, 22 ^a edição.....	100
Figura 11 –	Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, 21 ^a edição.....	100
Figura 12 –	Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, 24 ^a edição.....	101
Figura 13 –	Sessão de Autógrafos 24 ^o edição.....	101
Figura 14 –	Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, 25 ^a edição.....	102
Figura 15 –	Mensagens das pessoas que passaram pela Feira do Livro 2016.....	102
Figura 16 –	Mensagens das pessoas que passaram pela Feira do Livro 2017.....	103
Figura 17 –	Mensagens das pessoas que passaram pela Feira do Livro 2017.....	103
Figura 18 –	Secretária- adjunta Iara Wortmann (direita) e a Coordenadora do SEBE Maria do Carmo Mizetti (esquerda).....	104
Figura 19 –	Secretária Neuza Canabarro (1993, direita) e a Coordenadora (1993, esquerda) Jane Bestetti.....	104

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 –	CRE que mais participaram do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias.....	48
------------	--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CRE	Coordenadoria Regional de Educação
DE	Delegacias de Educação
DP	Departamento Pedagógico
FASE	Fundação de Atendimento Socioeducativo
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNEEs	Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais
SEBE	Sistema Estadual de Bibliotecas Escolares
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação
LDBE	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	MEMÓRIA SOCIAL: reconstruindo a trajetória na educação gaúcha.	17
3	DIVERSIDADE E A INCLUSÃO SOCIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	21
4	A LEITURA E ESCRITA COMO INSTRUMENTO PARA A APRENDIZAGEM.....	28
5	LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: Programa Escrevendo Histórias.....	34
6	METODOLOGIA	38
7	CONTEXTO DO ESTUDO.....	43
8	SUJEITOS DO ESTUDO.....	54
9	COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	56
10	RESULTADOS DO ESTUDO.....	78
11	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	84
	APÊNDICE A – Guia de Perguntas para as Secretárias de Estado de Educação.....	91
	APÊNDICE B – Guia de Perguntas para as Coordenadoras	92
	APÊNDICE C – Guia de Perguntas para Alunos que Participam do Programa.....	93
	APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	94
	ANEXO A – Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias: 25ª edição.....	95
	ANEXO B – Fotos e Mensagens da Trajetória do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias.....	100

1 INTRODUÇÃO

Este estudo recuperou a memória social do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, da Secretária de Estado da Educação, (SEDUC) amparado nos resultados de uma pesquisa elaborada nas obras e junto aos atores envolvidos com o Programa, tais como coordenadores, secretários de educação, professores, crianças e jovens das escolas estaduais, envolvendo também alunos da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE), quilombolas, educação especial e educação indígena. Justifica-se esta investigação pela necessidade de preservar a memória social do Programa que sobrevive há vinte cinco anos (25), perpassando por vários governos sem nenhuma interrupção, o que representa uma exceção considerando que, comprovadamente, a cada troca de governo os projetos e programas são substituídos, perdendo-se assim verdadeiras riquezas na educação com a falta de continuidade. O trabalho, além de registrar a memória do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, também fica disponibilizado como um objeto de estudo e referencial teórico que poderá ser utilizado por outros alunos e professores, não só na área da biblioteconomia como também na pedagogia, letras e outras áreas voltadas à leitura e a literatura.

A escolha do tema provocou os seguintes questionamentos: Como começou o programa? Quem criou? Como ocorreu o seu crescimento anual? Quantas modificações já sofreu nestes vinte e cinco anos (25) de existência? Como sobreviveu a todas as crises?

Mesmo com a coleção completa dos vinte cinco anos de desenvolvimento do Programa foi necessário investigar a sua memória social, para dar a ele a verdadeira identidade e seu significado para a comunidade escolar. Memória social segundo Le Goff (2010), é aquela composta por lembranças ou esquecimentos de coisas e fatos, memória é um trabalho sobre o tempo, algo do que fazemos que nos permite viver nosso dia a dia. Pode ser através de objetos, de pessoas que conviveram umas com as outras, de locais que foram significativos. Enfim a memória social é um campo de conflito entre o presente e o passado.

Portanto, o Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias é um fato, uma memória que não deve ser esquecida, mas lembrada não por vinte e cinco anos, mas por muitos e muitos anos. Sua história, sua trajetória deve ser

contada, escrita e conservada. Com este propósito esta pesquisa vai ressignificar a história do Programa.

Outro fator determinante, para a escolha desse tema, foi o fato da autora estar estagiando na Secretaria de Estado da Educação e ter participado em 2016, da publicação da vigésima quarta (24) edição do programa. Percebendo a importância que este Programa acarreta na vida de todos que participam, desde a organização na Secretária que se inicia em março até sua culminância em novembro, com a chegada dos jovens escritores à capital para autografar a obra na Feira do Livro de Porto Alegre.

Como a temática escolhida foi recuperar a memória social do programa, analisamos as obras escritas pelas crianças e jovens, documentos, guardados pelas coordenadoras, secretárias e pessoas que participaram desta trajetória, informações disponibilizadas via web, bem como materiais fotográficos obtidos na assessoria de imprensa da Secretaria de Educação, com a finalidade de enriquecer este estudo.

A partir desta pesquisa, entender-se-á a importância deste Programa por transcender o trabalho em sala de aula, durante meses nas escolas do Estado, envolvendo alunos, professores, equipe diretiva, famílias, bibliotecários e gestores em um trabalho sistemático e contínuo voltado à produção textual e à formação do gosto pela leitura, bem como à ampliação dos acervos das bibliotecas por meio da produção dos alunos.

Em decorrência, a pesquisa baseou-se na seguinte questão:

Como recuperar a memória social do “Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias” da Secretaria Estadual de Educação no período de 1992 a 2016, com o olhar para a diversidade e a inclusão social?

Tendo como objetivo geral, verificar a memória social do “Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias” da Secretaria Estadual de Educação no período de 1992 a 2016, com o olhar para a diversidade e a inclusão social. Os objetivos específicos são: identificar as características que este programa apresentou ao longo de sua trajetória; analisar as publicações do Programa, no âmbito da sua diversidade e inclusão e avaliar a produção literária como constitutiva da memória social do Programa, no âmbito da Secretaria de Educação, apresentamos o estudo em sete seções assim dispostas no trabalho: a) Introdução, b) memória social, c) diversidade e inclusão social; d) leitura e escrita e) produção textual f) metodologia da

pesquisa, g) contexto do estudo h) os sujeitos do estudo, i) coleta e análise dos dados
j) apresentação dos resultados da pesquisa e as referências utilizadas.

2 MEMÓRIA SOCIAL: reconstruindo a trajetória na educação gaúcha

Mnemósine, conhecida na mitologia grega como a deusa da memória, era considerada uma das mais poderosas deusas de seu tempo. Filha da primeira geração das divindades na Grécia, é citada, muitas vezes, pelos poetas, pelo dom natural para a humanidade. Foi dada a Mnemósine a responsabilidade de dar nome a todos os objetos, além do poder de memorizar e de lembrar. Memória então, é tudo aquilo que as pessoas lembram, é o adquirir e armazenar informações. A aquisição de informações é o aprendizado, o processo de aprender seja por via oral, escrita ou visual.

O ser humano busca nas lembranças fatos do passado para melhor compreender os acontecimentos presentes. De acordo com Nora (1993, p 3), a memória é a bagagem que carregamos neste mundo, herdada das culturas passadas que construíram a civilização presente, fornecendo identidade a um determinado grupo:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações. (NORA, 1993, p. 3).

O autor supracitado ressalta que não há memória espontânea, é preciso criar arquivos e fatos acontecidos. A memória é um lugar onde conservamos fragmentos de histórias de épocas passadas. Mas nem tudo o que acontece é registrado. A memória é seletiva, construída nas referências do presente e do passado de determinado grupo social, baseada nas tradições e nas mudanças culturais.

A memória social pode ser descrita como experiências vividas ou mitificada por uma comunidade também inserida em um campo de lutas e de relações de poder, configurando um contínuo embate entre lembranças e esquecimentos.

Para muitos autores, a memória social não tem um único contexto, comporta diversos sentidos, conforme a disciplina ou o pensador que dela se ocupe.

Segundo Dodebei, Farias e Gondar (2016, p. 29):

Um conceito costuma nos dizer o que alguma coisa é, no presente, no passado e no futuro, a despeito de qualquer mudança. A memória, contudo, nunca é: na variedade de seus processos de conservação e transformação, ela não se deixa aprisionar numa forma fixa ou estável.

A memória é, simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento.

A memória é um tema controverso, ela mantém uma infinidade de definições, vindas de diferentes perspectivas e discursos. Segundo Le Goff (2010), a memória tem o poder de conservar informações, nos quais o homem pode buscar conhecimento ou atualizar impressões passadas, isto é, fatos já decorridos.

Em seu artigo “Quatro proposições para a memória social”, Jô Gondar (2005) ressalta as diferentes maneiras de abordar a memória social. Considera que o estudo não se adapta a um conceito único e definitivo. A autora ainda dispõe de quatro proposições sobre memória social, a primeira proposição é: O conceito de memória social é transdisciplinar, isto é não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente. A segunda proposição: O conceito de memória social é ético e político.

Exige que o pesquisador ao aprofundar o campo tenha sensata noção do reflexo de suas escolhas e atuações, pois seus objetos de estudos dão vidas as suas produções. Gondar (2005, p. 23) ressalta ainda: “O conceito de memória produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for à escolha teórica em que nos situamos, estaremos comprometidos ética e politicamente. ”

Terceira proposição: a memória é uma construção processual. Gondar (2005, p.23) ressalta que a memória é uma construção, de fatos que fazemos que dizem respeito a nós mesmos. Já a quarta proposição: a memória não se reduz à representação:

Assim como não se pode reduzir a passagem do tempo real, em suas ínfimas variações, à marcação dos ponteiros de um relógio, não se pode reduzir a permanente agitação das forças sociais ao encontro homogêneo de uma representação. (...) se reduzirmos a memória a um campo de representações, desprezamos as condições processuais de sua produção. (GONDAR, 2005, p.23)

A memória não é apenas acontecimentos ou representações de um povo, segundo a autora, memória faz parte da esfera social. As propostas que Gondar (2005) apresenta possuem o objetivo de entender essa abertura e particularidade da memória social a partir dessas proposições.

A memória social se constrói através de uma intenção um desejo um suporte de memória ou um documento de algo ou de alguém, de um espaço, tempo, seja ele presente, passado ou futuro. Para as autoras Rocha e Eckert (2009, p. 94):

A memória é uma construção do presente e resultado da interação social em diferentes contextos. As lembranças são narradas a partir de diferentes perspectivas que irão relacionar-se com a situação social em que se encontra o narrador, com o intuito de transmitir suas experiências vividas, a memória é relacional e situacional, depende do momento em que está sendo revivida e para quem está sendo relatada.

O referido trabalho tem o propósito de pesquisar a memória social do Programa Crianças e jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias através do tempo, das falas e das histórias de pessoas que muitos sabem sobre o programa, lembranças de um tempo que não voltará mais, lembranças estas que serão revividas através das folhas de papéis de quem escreverá sobre um passado, um presente e porque não um futuro deste trabalho que perpetua por vinte cinco anos.

Ao realizar o trabalho, o pesquisador sabe que apesar de todos os cuidados que tiver em relação à pesquisa, esta não será reproduzida na sua totalidade, mas, sim, uma parte dela. Para Santos (2003, p. 19), “A memória que é transmitida através de textos, objetos, embora dê a impressão de preservar o passado em sua totalidade, reproduz apenas parte do que foi vivenciado anteriormente”. Afirma também que o grande perigo enfrentado pela modernidade seria a perda da tradição, dos elos entre o passado e o presente e a capacidade de lembrar. Este mesmo autor afirma que a memória está em tudo e em todos. Somos aquilo que lembramos, somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação, construção social, ela é uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências. Santos (2003, p. 45):

[...] a maior parte da nossa memória repousa sobre nossa capacidade de imaginar a memória enquanto forma de conhecimento deve ser compreendida como parte dos nossos pensamentos e de nossas ações [...].

Sendo assim, pode se dizer que as ações, sensações do passado, orientam cada passo do nosso presente, isto é a memória nos ajuda a selecionar o que de fato é importante e reter para nosso conhecimento.

Neste panorama, pode-se salientar aspectos importantes como a diversidade e a inclusão social que serão abordados na próxima seção.

3 DIVERSIDADE E A INCLUSÃO SOCIAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL

O advento das transformações culturais constatadas na sociedade e na educação na segunda metade do século passado gerou alterações profundas na percepção e modo de atuar no mundo. Este acontecimento se intensificou ainda mais com o surgimento da globalização, fazendo com que as diferentes classes sociais refletissem e revisassem suas práticas. Para Gadotti (2000), estas mudanças que aconteceram a partir do século XX, são de diferentes origens, tanto no campo político, socioeconômico, quanto da cultura, ciência e da tecnologia. No olhar do autor, ele não tem ideia de como estas mudanças irão representar para todos nós, mas trouxeram uma visão mais ampla do ser humano, mudando o modelo até então existente do mundo e das pessoas, tornando as mais inclusivas e integradoras na diversidade. A partir daí os discursos que antes eram excludentes e estigmatizados sobre as diferenças, passaram a ser em prol da diversidade social e cultural, respeitando as relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade, diversidade religiosa, linguagem e de respeito as pessoas com deficiência, desencadeando constantemente novos debates e discussões a respeito.

O termo diversidade segundo Konzen (2012, p. 3):

A qualidade ou a condição do que é diverso, as características ou elementos diversos entre si, que existem sobre um assunto, ambiente, etc. Afirma-se que há, por exemplo, atualmente, uma diversidade de opiniões ou pontos de vista, diversidade de costumes, hábitos, comportamentos, crenças e valores, uma diversidade sexual, a diversidade biológica ou a biodiversidade [...].

Ao consultar o dicionário Aurélio (2004), percebemos que o termo diversidade vem da palavra latina “diversitate” que significa diferente, esta diferença ao longo da história era vista como algo negativo, pejorativo, justificando muitas vezes as práticas de preconceito e discriminação, mas com o tempo este termo “diferença” assume um aspecto positivo como luta em favor dos direitos de pessoas excluídas, marginalizadas socialmente. As diferenças são construídas pelos sujeitos ao longo do processo histórico e cultural, desde o nosso nascimento. Assim como o termo inclusão, utilizado em diferentes situações e questões sociais variadas para designar pessoas que vivenciam algum tipo de exclusão, seja no trabalho, mercado ou na escola, isso devido a sua condição socioeconômica, gênero ou até com necessidades educativas.

Os termos diversidade e inclusão fazem parte de uma longa trajetória de movimentos mundiais em favor da melhoria de oportunidades, aceitação e integração social e principalmente educacional, de pessoas que possuem algum tipo de deficiências, pois a questão da deficiência esteve sempre ligada à ideia de “incapacidade ou falta”, isto é, um indivíduo identificado como deficiente era visto como alguém distante dos padrões considerados “normais”. Lobo (1992) constata essa ligação da deficiência com os processos de exclusão, indagando que a deficiência é uma característica valorizada negativamente em função de uma norma de eficiência que lhe serve de padrão. Neste mesmo seguimento, Omote (1994) salienta que as deficiências são determinadas diferenças as quais foram atribuídas determinadas significações de desvantagens e que levam os seus portadores a serem desacreditados socialmente, o que deve ser discutido em instâncias e locais diferentes, possibilitando que o diálogo conquiste escalas diversas, iniciando-o cada vez mais cedo.

A escola representa um espaço privilegiado para tal reflexão, pois representa um lugar de liberdade, diálogo, respeito a diversidade e inclusão de pessoas com deficiências. Para Ferreira (2006), foi a partir dos anos 1990 que se originou um conjunto de reformas estruturais e educacionais, inspiradas e estimuladas por organismos internacionais, definidos por discutir a educação para todos, e foi através destes movimentos que se criou a Declaração de Salamanca que aparece no cenário educacional brasileiro como um dos documentos referenciais no processo de reflexão, discussões e adoções de políticas públicas de apoio à inclusão de pessoas com alguma deficiência nas escolas comuns. Em 1996, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que auxiliou a ampliação da presença de crianças com necessidades especiais nos diferentes espaços escolares. Segundo a Declaração de Salamanca (1998):¹

- a) toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem,
- b) toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas,
- c) sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades,
- d) aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma

¹ Documento eletrônico.

Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades,

e) escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

Apesar de ter leis sobre inclusão social nas escolas, ainda há uma resistência por parte de algumas delas e de certos gestores educacionais, por haver dificuldades em implementar espaços especializados, classe especiais, salas multifuncionais entre outros ambientes que possam receber estes alunos com o mínimo de comodidade. Segundo Ambrosetti (1999, p. 92), “[...] trabalhar com a diversidade não é, ignorar as diferenças ou impedir o exercício da individualidade”. Isto é, deve-se dar espaço para que todos possam se expressar de forma pessoal e coletiva, apoiando e cooperando sem distinção. Para Imbernón (2000, p. 86-87):

A diversidade que a educação pretende atender não pode ser estabelecida em termos abstratos, mas ao contrário, deve estar vinculada a uma análise da realidade social atual e deve abranger tanto o âmbito macrossocial quanto o microssocial. [...] é preciso considerar a diversidade como um projeto socioeducativo e cultural enquadrado em um determinado contexto, e entre as características desse projeto necessariamente devem figurar, a participação e a autonomia.

Nesta visão, devem ser consideradas as experiências vivenciadas pelos alunos em seus cotidianos, com o objetivo de incentivar a escola a incluir as diferenças, respeitando o conhecimento intelectual, para que possa ser um espaço pluralista, democrático e socializante.

Para Sánches (2005, p. 8), a inclusão manifesta-se, a princípio, com uma alternativa à integração, como forma de eliminar as situações de desintegração e exclusão em que se encontravam muitos alunos nas escolas. Ainda segundo a autora, todas as iniciativas propostas são centralizadas para conseguir que as pessoas com deficiências fossem integradas em salas de aulas comuns, ou salas adequadas para elas:

O movimento da integração escolar supôs estabelecer as primeiras tentativas, por questionar e rechaçar a segregação e o isolamento em que se encontravam as pessoas com deficiência nos centros de

educação especial. Em um primeiro momento, as classes especiais foram consolidadas dentro de um centro escolar, e, mais tarde, à assistência dos alunos com deficiência em tempo parcial foi estabelecida na classe regular. Todavia, esta modalidade está bastante generalizada e vem apresentando enormes barreiras para ser erradicada. (SANCHES, 2005, p. 14).

A autora destaca que a inclusão deve dirigir seu olhar a todos os alunos que possam ter dificuldades de aprendizagem em um dado momento, assim as estratégias de trabalho devem ser direcionadas para a aprendizagem destes alunos. Para ilustrar as diferenças entre integração e inclusão, Sanches (2005, p. 17) apresenta um quadro comparativo:

Quadro 1 – Comparativo entre Integração e Inclusão

INTEGRAÇÃO	INCLUSÃO
Competição	Cooperação/solidariedade
Seleção	Respeito às diferenças
Individualidade	Comunidade
Preconceitos	Valorização das diferenças
Visão individualizada	Melhora para todos
Modelo técnico-racional	Pesquisa reflexiva

Fonte: Sanches (2005, p. 17).

Segundo Neves, Moro e Estabel (2012), o processo de integração apresentava peculiaridades individualistas, isto é o aluno deveria integrar-se ao ambiente escolar, modificar-se, adequar-se para aproximar-se dos padrões de normalidade e esta responsabilidade era colocada toda nele, já a inclusão surge como uma nova perspectiva, onde prepondera o respeito pelas diferenças, uma escola que busca a coletividade, isto é, melhoria para todos.

Não se pode olhar somente para as limitações, mas, sim, para as possibilidades, o potencial, como parte constituinte da instituição, como parte de pertencimento do grupo, sempre respeitando sua individualidade neste processo de aprendizagem.

No artigo 205, da Constituição Federal Brasileira (1988), é descrito que a educação, é um direito de todos e dever do Estado e da família e será promovida e incentivada através da colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o

trabalho. Logo em seguida no artigo 206 e 208, é ressaltado que o ensino deve ser ministrado com base nos princípios de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e é dever do Estado dar atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, de preferência na rede regular de ensino.

Sendo assim, as soluções desenvolvidas para atender às necessidades especiais não devem ser conduzidas somente aos alunos que experimentam estas dificuldades, mas a resolução de problemas deve facilitar e apoiar a aprendizagem de todos, do ponto de vista curricular. O termo necessidades educacionais especiais devem deixar de ser utilizada até porque se estamos falando de educação inclusiva, isto é, para todos não tem sentido falar da mesma para pessoas com necessidades especiais, pois as pessoas fazem parte de um plano de trabalho mais amplo de melhoria escolar que tem como objetivo a igualdade e a excelência para todos. Logo, a integração coloca ênfase no aluno com necessidades educacionais especiais, já a inclusão canaliza seu interesse em todos os alunos. Segundo Mantoan (2003, p.16):

As diversidades culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos.

Portanto os professores junto com seus gestores e a comunidade devem analisar sobre o que eles querem que seja esta diversidade e inclusão dentro e fora da sala de aula. Pois não estamos falando somente de crianças com deficiência, mas de todos que de alguma forma são excluídos, negros, índios, crianças e adolescentes da Fase entre outros que de alguma forma representam a diversidade na sociedade em que vivem. Segundo Gusmão (2003, p.16):

O reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo, civilizado e índio. O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza.

A criança ou o jovem sabem e percebem o que os rodeiam, sabem também o que querem. Entretanto, o método de ensino não estabelece um diálogo entre a aprendizagem e a cultura de origem dos alunos, deixando de considerar suas diferenças, para pensá-los homogeneamente, como se estes estivessem somente para aprender conteúdos e buscarem a aprovação escolar. Neste caso, a escola deve

assumir um papel de agente inovador, acarretando o conhecimento mútuo entre os diferentes. A pluralidade ética e racial, a diversidade social e cultural, é o desafio daqueles que não querem somente ensinar, mas também educar.

É com o importante propósito de incentivar a diversidade e a inclusão social que o “Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo História”, abrange as escolas estaduais, os indígenas, a Fase, incentivando o gosto pela leitura, estimulando a produção textual e valorizando o aluno no contexto educacional.

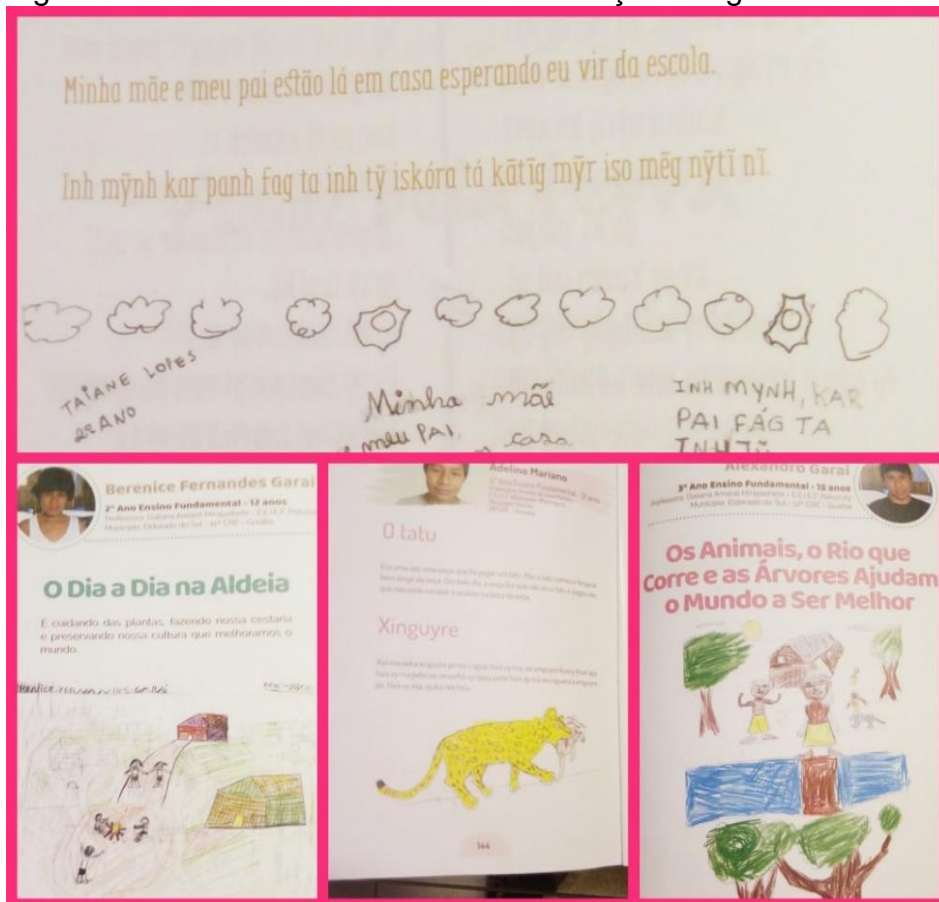
As escolas que participam deste Programa ficam durante o período escolar preparando seus alunos para que estes possam participar com o desejo de chegarem a final. O Programa tem uma importância muito grande porque abre as portas para todos, incluindo aqueles que, por algum motivo, se sentem ou são excluídos. E através da leitura e da escrita colocam no papel suas experiências de vida. Na figura a seguir, alguns trabalhos realizados por finalistas da classe especial e indígenas.

Figura 1 – Desenhos dos alunos da Educação Especial



Fonte: Livros Crianças e Jovens Escrevendo Histórias, 2008.

Figura 2 – Desenhos dos alunos da Educação Indígenas



Fonte: Livros Crianças e Jovens Escrevendo Histórias, 2015.

A leitura e a escrita neste sentido são instrumentos chave para as crianças e adolescentes alcançarem as competências necessárias para uma vida produtiva e com realizações, promovendo a ascensão social não apenas dos alunos selecionados, mas sim de todos que passam a ser autores de suas histórias e da construção de seus próprios saberes.

4 A LEITURA E A ESCRITA COMO INSTRUMENTOS PARA A APRENDIZAGEM

Ler é um procedimento complexo e difícil, é um processo de clareza, de entender o mundo a partir de uma peculiaridade particular ao homem, é entrar no mundo da escrita, é conceder significados. Goodman (1990) relata que o leitor busca um sentido no texto e este é alcançado através da utilização de métodos e isso só é possível se os leitores realizarem leituras que sejam interessantes a eles. Leitura segundo Martins (2006, p. 30) é definido como:

[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano.

Ler é compreender o mundo que nos cerca, a leitura propicia muitos benefícios, podemos citar o conhecimento a percepção o pensamento os diálogos entre o livro e o leitor, além das histórias. Segundo Parreiras (2009, p. 148):

Os livros podem ser tijolos que vão construir um ser humano que participa, que escolhe, que lê. Os livros podem abrir muitas portas, muitos caminhos, os livros podem ser muitas coisas nas fantasias das crianças.

Desta maneira ler é um processo bem diferente do ato de se tornar leitor, a leitura vai além da decodificação. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), (1997, p. 15) diz que:

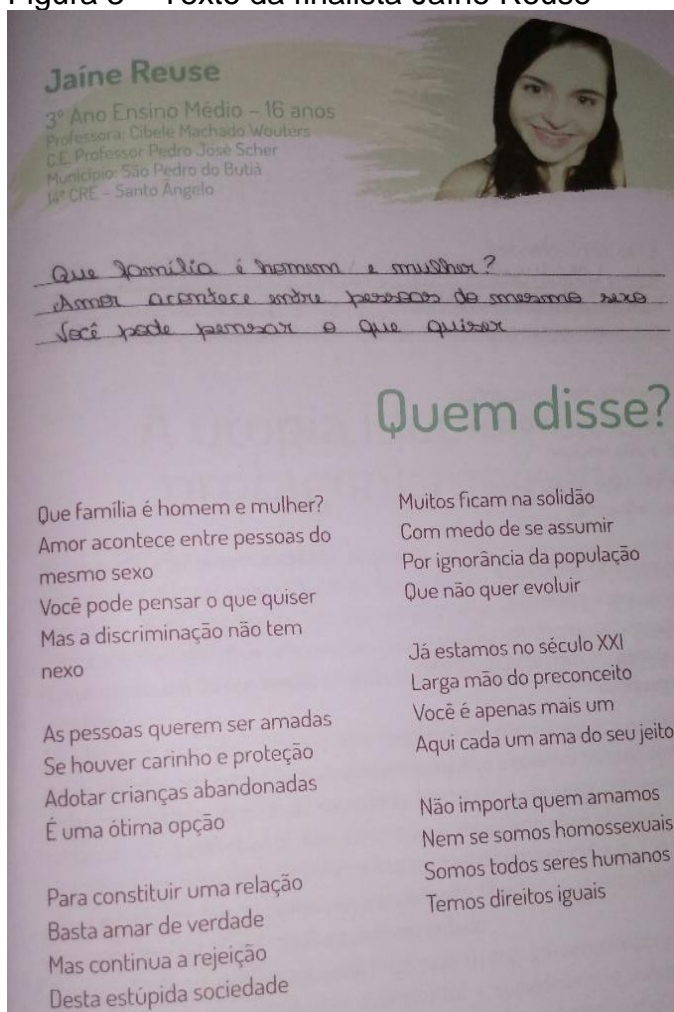
[...] a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, e, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Esta compreensão por parte do aluno de que a linguagem oral está sendo representada através dos textos lidos, faz parte do processo de formação do leitor, um leitor que de sentido aos textos lidos. Martins (1997), diz que a leitura é um aprendizado natural, mas exigente e complexo como a própria vida. Ler não é decifrar o que está escrito e escrever não é copiar, por isso o aluno deve ser estimulado a identificar o que ele quer representar. Para Parreiras (2009, p. 156):

Uma das grandes contribuições que a educação escolar pode oferecer às crianças é a aquisição da leitura, o domínio da escrita e a capacidade interpretativa. Esses são os pontos importantes numa avaliação individual e de grupo numa sala de aula.

Ao ser instigado a escrever para o Programa Crianças e Jovens do Rio Grande, o aluno tem a liberdade de se expressar, de colocar nas linhas o que sente ou o que gostaria de falar, relatar e muitas vezes não expressa pelo contingenciamento da família, da escola e da própria sociedade que muito mais exclui do que inclui. Percebemos nesses textos, histórias fantásticas e reais em um contexto de escrita que possibilita caracterizá-los de leitores das suas próprias leituras. Na Figura 3, podemos ler um texto de uma das finalistas do Programa 2017 que exemplifica esse contexto.

Figura 3 – Texto da finalista Jaíne Reuse



Fonte: Livro Crianças e Jovens Escrevendo Histórias 2017.

Ler para escrever instiga a inteligência, a imaginação, o discernimento na criança, pois a leitura e a escrita criam possibilidades, ampliam a visão que estes indivíduos tem do mundo.

A escrita é um processo de comunicação e expressão é um método de ideias que têm significações. Para escrever, o aluno necessita ter conhecimento sobre o assunto que vai ser descrito. A escrita, segundo Soares (2003), apresenta funções distintas: função pessoal e interacional e função Instrumental. Na função pessoal e interacional o aluno escreve para interagir. Nesta função o aluno expressa o que aprendeu. Já na função instrumental o aluno expressa o que aprendeu através de palavras treinadas. Segundo Ferreiro (1993, p. 27):

A escrita representa a língua e não a fala. Qualquer intenção de justificar ortografia a partir da pronúncia leva a desprezar as variantes de fala das crianças [...] e a dificultar sua aprendizagem. Esta é uma das razões fundamentais porque a correção ortográfica não pode ser exigida nas primeiras etapas da alfabetização.

Portanto, a correção da escrita, deve ser tratada de forma natural e positiva. Na escrita, para Pillar e Pontes (2014, p. 413), “[...] o sujeito precisa se referenciar no conhecimento que já possui, compará-lo com o novo que se apresenta é construir sentidos para suas trajetórias. ” Esse movimento de aprendizagem na escrita pressupõe o envolvimento de quem aprende com o objeto de aprendizagem. Teberosky e Colomer (2003, p. 67) destacam que:

Não devemos esquecer que, em função da natureza da escrita como objeto cultural, o conhecimento da escrita começa em situações da vida real, em atividades e em ambientes também reais. Portanto, aprender sobre as funções da escrita é parte integrante do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, bem como o é aprender sobre suas formas.

Sendo assim, os professores na sala de aula, devem cuidar o tipo de atividades ou materiais que são oferecidos às crianças, pois estas, dependendo do ano que estão, têm dificuldades de entender como é e para que serve a escrita. Ainda segundo as autoras (2003), os professores são responsáveis por oferecer às crianças oportunidades de interagir com a escrita e decidir sobre o que vão escrever e o que está escrito. Para Neves et al (2011, p.16), “[...] o professor é aquele que apresenta o que será lido: o livro, o texto, a paisagem, a imagem, a partitura, o corpo em

movimento, o mundo [...]” é ele quem auxilia a interpretar e a estabelecer significados. Compete ao educador promover experiências, criar situações novas e manipulações que conduzam à formação de um grupo de leitores capazes de dominar as inúmeras formas de linguagem. Neste contexto, o Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias tenta trazer para estas crianças temas já definidos ou até mesmo tema livre onde estas possam pensar buscar histórias reais ou não, enfim o Programa proporciona formas de ampliar o conhecimento da criança e jovens com a escrita.

Na educação infantil, como as crianças ainda não tem a experiência da escrita, elaboram seus textos através de desenho, ou até mesmo de escritas pré-silábicas ou silábicas alfabéticas, que são escritas não convencionais. No livro construído com os textos das crianças do Programa, a educação infantil apresenta desenhos que sensibilizam os avaliadores. Cada desenho demonstra o quanto as crianças se empenham para apresentar uma leitura diferente, não convencional, mas com muito significado para quem os lê. Na Figura 4, podemos observar alguns desenhos da Educação Infantil.

Figura 4 – Desenhos da Educação Infantil



Fonte: Livros Crianças e Jovens Escrevendo Histórias, 2008.

Para Kehrwald (2011, p. 28):

A leitura das imagens tem objetivos semelhantes e abrange a descrição, interpretação, compreensão, decomposição e recomposição para que se possa aprendê-las como um objeto a conhecer. [...] se decodificar um texto é entrar em sua trama, na sua textura, no seu tecido. Por ser um sistema simbólico, de representação, a subjetividade contida na arte proporciona uma infinidade de leituras e interpretações.

Ainda segundo Kehrwald (2011), aprender a ler os códigos do sistema de representação das artes visuais, no caso do Programa os desenhos das crianças, é de tal maneira importante quanto o conhecimento da escrita ou até mesmo dos sistemas numéricos. É através dos desenhos que muitas crianças conseguem passar fatos imaginários ou até reais do que acontece com eles, acontecimentos estes que podem ser bons ou não, por isso o professor, no caso do Programa a banca que examina os textos devem ter um olhar mais atento, mais cuidadoso ao avaliar estes desenhos.

Dessa maneira, ler, escrever e interpretar deve ser tarefa na escola, na sala de aula, na biblioteca. A biblioteca é por excelência um laboratório de informação, sua atuação deve embasar todo o processo ensino-aprendizagem através do conhecimento e da promoção da leitura. Para Neves et al. (2011, p. 227):

A biblioteca escolar estimula o desenvolvimento e ou fortalecimento do prazer da leitura, condições indispensáveis para que seu usuário possa usufruir dos benefícios do acesso à informação, seja para o estudo, o ensino, o trabalho, a arte ou a diversão.

A circulação e a transferência de informação devem ser realizadas em todos os lugares, a escola deve provocar uma reflexão sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita. Assim como deve ser tarefa de todas as disciplinas, de todos os professores, ensinar é dar oportunidades aos alunos para que estes possam se apropriar do conhecimento, ensinar é ensinar a ler para que o aluno possa se tornar capaz de se apropriar, visto que o conhecimento está nos livros, revistas, jornais, enfim o conhecimento se manifesta por escrito. Segundo Parreiras (2009, p. 17):

Um livro dirigido à criança é um produto do mercado, criado, escrito, ilustrado, produzido e editado por um adulto. Quem leva o livro à criança é também um adulto. Isso faz com que a nossa

responsabilidade, como educadores seja grande. São os educadores que facilitam o acesso da criança aos livros e a aproxima da literatura.

Logo, ler não é empenhar-se em decifrar ou desvendar de forma isenta o sentido de um texto, porém é a partir do texto, que o aluno deve atribuir significados relacionando este texto a outros na busca de maior compreensão, sentido e de outras possíveis leituras.

Lopes e Dulac (2011), declaram que a linguagem escrita, é uma das grandes construções da humanidade, mas que para muitas pessoas esta experiência de ler e escrever, como prática cultural habitual, delimita-se aos espaços escolares.

Assim sendo, entendemos que ler e escrever devem ser um compromisso de todas as atividades escolares, devendo o professor estimular continuamente a produção textual na sala de aula.

5 LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: Programa Escrevendo Histórias

Elaborar um texto é saber se comunicar através da escrita expressando suas ideias, sentimentos, pensamentos, de maneira apropriada para que o leitor entenda sua mensagem. Segundo Geraldi (1991, p. 101), “Texto é uma sequência verbal escrita, formando um todo acabado, definitivo e publicado”.

Construir um texto, muitas vezes é uma tarefa difícil para muitas pessoas, principalmente para alunos do ensino fundamental e médio. Muitos se sentem inertes diante de uma folha de papel em branco, sentindo muitas vezes um sentimento de incompetência.

Por isso os professores precisam criar situações de ensino que favoreçam o processo de alfabetização, conforme o Pacto Nacional de alfabetização na idade certa (2012, p. 9) alguns cuidados devem ser tomados como:

- a) escolher os textos a serem lidos, considerando-se não apenas os gêneros a que pertencem, mas, sobretudo, o seu conteúdo (o que é dito), em relação aos temas trabalhados. O objetivo é que as crianças aprendam a ler e escrever, mas também aprendam por meio da leitura e da escrita;
- b) propor situações de leitura e produção de textos com finalidades claras e diversificadas, enfocando os processos de interação e não apenas as reflexões sobre aspectos formais;
- c) escolher os gêneros a serem trabalhados com base em critérios claros, considerando-se, sobretudo, os conhecimentos e habilidades a serem ensinados; relações entre os gêneros escolhidos e os temas/conteúdo a serem tratados;
- d) abordar os gêneros considerando não apenas aspectos composicionais e estilísticos, mas, sobretudo, os aspectos sociodiscursivos (processos de interação, como as finalidades, tipos de destinatários, suportes textuais, espaços de circulação...).

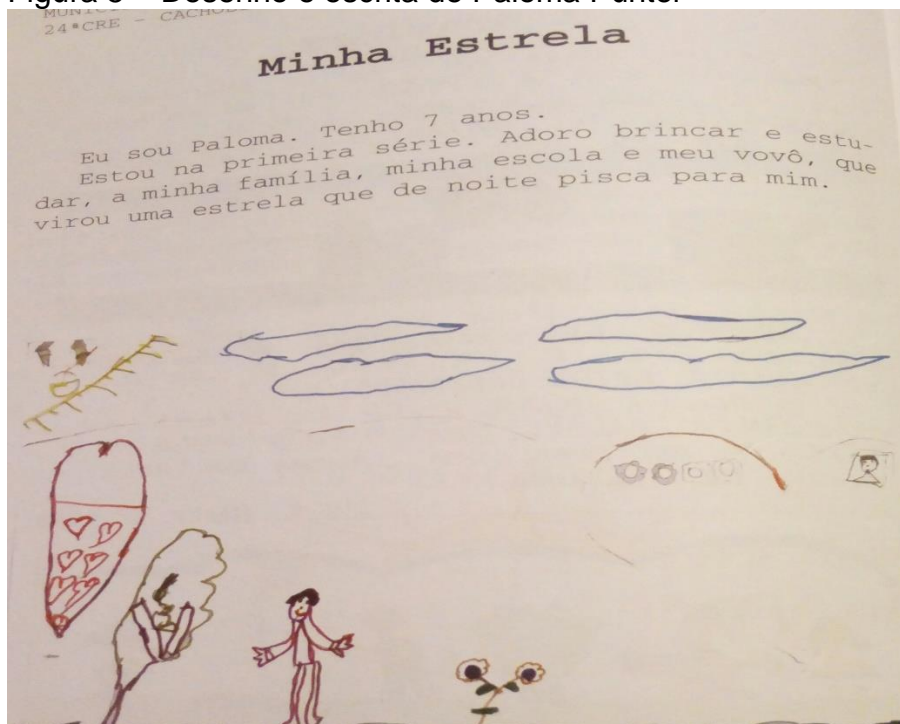
O texto ressalta ainda que tomando estes cuidados a produção de textos ocorrerá de modo articulado, favorecendo a aprendizagem da leitura e da produção de textos.

Segundo Brasil (1997), trabalhar a produção textual é formar escritores competentes, isto é, o aluno deve ser capaz de entender o que e para quem está escrevendo, também saber aprimorar seu texto se precisar. A partir destas considerações podemos dizer que o ato de apresentar a produção de um texto por meio de palavras e ideias, é uma ação deveras importante e difícil para muitos.

O texto está no âmbito também da oralidade, pois dentro da comunicação humana, os textos orais são mais antigos e os mais utilizados no nosso cotidiano. (DANTAS, 2013, p. 9).

O autor ressalta ainda que o texto presta um serviço social tanto na escrita quanto na fala. O Programa Crianças e Jovens do Rio Grande escrevendo histórias mostra bem isso, estas crianças e jovens usam os textos como uma forma de se comunicarem, serem ouvidos por outras pessoas. A linguagem é uma forma de agir socialmente, sendo através da escrita, ou em forma de desenhos. Os textos e desenhos tem um papel fundamental no andamento dessas atividades, isso pode ser visto no desenho e escrita da finalista Paloma Puntel (figura 5).

Figura 5 – Desenho e escrita de Paloma Puntel



Fonte: Livro Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, 2007.

Os textos realizados pelos estudantes, muitas vezes acabam representando a maneira como eles falam, estes têm dificuldades de entender as ideias de um texto ou enunciado, porque não estão habituados a realizar leituras com significados, por isso que as atividades realizadas em sala de aula são de extrema relevância. A linguagem relacionada aos textos ocorre na interação entre os sujeitos, e não isoladamente. O trabalho que é elaborado com as crianças em sala de aula proporciona oportunidades de se tornarem usuários reais da língua. Segundo os PCN (1998, p. 98):

É fundamental a utilização de diferentes códigos, como o verbal, o oral, o escrito, o gráfico, o numérico, o pictórico, de forma a se considerar as diferentes aptidões dos alunos. Por exemplo, muitas vezes o aluno não domina a escrita suficientemente para expor um raciocínio mais complexo sobre como compreende um fato histórico, mas pode fazê-lo perfeitamente bem em uma situação de intercâmbio oral, como em diálogos, entrevistas ou debates.

Os estudantes que participam do Programa são estimulados a escreverem, desenharem na forma que se sintam à vontade com o que estão fazendo, o prazer em escrever um texto ou mesmo desenhar deve fluir de forma espontânea.

O trabalho realizado com os alunos visa formar cidadãos capazes de interferir criticamente com a realidade, em que vivem e como vivem. Segundo Rosa (2012, p. 7):

A produção de textos deve estar inserida numa situação de comunicação contextualizada, isto é, quem escreve, para quem se escreve, quando se escreve e com que objetivos. Portanto, para a compreensão do texto como uma unidade coerente, todos esses aspectos devem estar claros aos interlocutores no processo de interação verbal por meio do texto escrito.

Pode se dizer então que a escrita não é somente à apropriação das regras da língua, pensamento ou intenções do escritor, mas sim relação e interação escritor-leitor, este deve levar em conta as intenções daquele que faz uso da língua para atingir o seu objetivo sem, contudo, rejeitar o leitor, em seus conhecimentos, pois este faz parte desse processo (BRASIL, 1998). Já Bakhtin (2003, p. 309), ressalta que:

[...] por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado).

A produção de texto escrito pelas crianças e Jovens do Programa é um ponto de partida para o processo de aprendizagem. Cada criança coloca seu olhar no texto que está escrevendo. Para Lerner (2002, p. 18):

O contato com os textos, na escola, deve servir para que os alunos busquem resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos [...].

Geraldi (1997), também afirma que a escola precisa criar condições para que os alunos produzam textos, e uma dessas condições citadas pelo autor para que ocorra esta produção é que para escrever, é preciso que se saiba e que se tenha uma razão do que será dito, para que o aluno não faça algo somente para realizar uma tarefa a pedido do professor.

O autor enfatiza ainda, que o aluno deve se posicionar como um destinador do que está dizendo. Esse é um aspecto levantado pelo autor como sendo o principal junto com a contribuição do professor que é fundamental para mostrar ao aluno o caminho que ele deve seguir.

Estas contribuições levantadas pelo autor é um dos parâmetros que o Programa segue, isto é, antes de iniciar todo o processo, as escolas recebem o regulamento onde estão especificados os passos a serem seguidos para a elaboração dos textos e, um dos itens, detalha a participação ativa dos professores como mediadores na elaboração desses textos. Pois o exercício constante da escrita contribui para o aperfeiçoamento dessa habilidade, tornando mais concreto o objetivo de formar escritores competentes.

Ao escrever um texto o aluno deve utilizar qualidades indispensáveis à produção de um bom texto que são: a clareza, o estilo de escrita e a coerência de ideias. Clareza para que o leitor ao ler o texto possa compreender o que está sendo passado pelo autor, isto é o autor deve dizer exatamente o que pretende manifestar na sua história e coerência de ideias é não se contradizer, confundir o leitor com palavras sem nexos Segundo Marcuschi (2008, p. 121). “A coerência é uma atividade interpretativa e não propriamente imanente ao texto. Liga-se, pois a atividades cognitivas e não ao código apenas”. Sendo assim o autor deve compreender que ao escrever um texto deve se expressar com harmonia na relação com as palavras e com as ideias que ele quer dar ao texto escrito.

Assim sendo, este estudo envolve um processo metodológico, destacando-se como estudo de caso com a coleta de dados por meio de instrumentos de pesquisa destacando-se a entrevista e a pesquisa documental, calcada nas produções escritas dos alunos gaúchos.

6 METODOLOGIA

Para Silva e Menezes (2005), a metodologia tem como função ajudar a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, criativo; isto é um estudo das organizações. A pesquisa pode ser definida como um trabalho em processo previsível e constante e adotar uma metodologia significa escolher um caminho, que, pode em determinado momento ser reelaborado.

Pesquisar é investigar ou procurar, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Gil (2007 p. 17) define pesquisa como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Então, para a realização de uma pesquisa científica, o pesquisador deve conhecer o assunto que vai ser pesquisado. Portanto, a pesquisa abordada segundo sua natureza, é a pesquisa Básica que tem como finalidade adquirir novos conhecimentos, sem objetivo de aplicação ou utilização particular.

Segundo a abordagem do problema, a pesquisa apresenta um viés qualitativo, caracterizada por não se preocupar com representação numérica, mas com a compreensão de um grupo social. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), “A pesquisa qualitativa preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” Para os autores Denzin e Lincoln (2006, p. 390):

A pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contra disciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. A pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo. Tem um foco multiparadigmático. Seus praticantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana. Ao mesmo tempo, trata-se de um campo inerentemente político e influenciado por múltiplas lealdades éticas e políticas.

Logo podemos dizer que o estudo qualitativo tem como características um ambiente natural sendo sua fonte direta de dados e o pesquisador como o instrumento principal, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a

realidade de forma complexa e contextualizada, a preocupação com o processo é maior do que com o produto. O enfoque dos dados pesquisados deve sempre demonstrar a perspectiva dos significados atribuídos pelos participantes, a análise dos dados segue um processo indutivo.

Este estudo está relacionado em compreender e interpretar determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população. A pesquisa qualitativa é excelente para investigar conhecimentos já quantificados ou quando se deseja criar uma base de conhecimentos para só depois quantificá-los. Este método se preocupa com o universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, correspondem ao universo mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Segundo a abordagem do problema levantado, as informações coletadas serão descritivas, de natureza social e servirão para a compreensão do problema.

Em relação ao objetivo, o estudo tem um caráter de pesquisa exploratória, com objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, não tendo o intuito de obter números como resultados e descritivos por explorar o tema, descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. (TRIVIÑOS,1995).

A pesquisa exploratória refere-se à especificidade das perguntas desde o início da pesquisa, como única forma de abordagem. O objetivo da pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, ou pouco explorado. Para Gil (2007, p. 41):

A pesquisa exploratória tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuição, seu planejamento é, portanto bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Isto é, a pesquisa exploratória possibilita visão geral, acerca de determinado fato, como é o caso da temática deste trabalho.

Segundo os procedimentos previstos para a realização deste trabalho, estes consistem na pesquisa documental e estudo de caso. Para Boente e Braga (2004, p. 12) a pesquisa documental: “Desenvolve-se a partir da consulta a documentos e registros que confirmam determinado fato.”

Na concepção de Gil (2010), a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica a diferença entre elas é a natureza das fontes. A pesquisa

bibliográfica utiliza-se das contribuições já elaboradas, e a pesquisa documental vale-se dos materiais que não receberam nenhum tratamento analítico. Os materiais utilizados na pesquisa documental podem ser diários, filmes, mapas, documentos arquivados em entidades, gravações, entre outros.

Neste caso, os livros do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias são as obras investigadas. A pesquisa abrange 25 livros do Programa, analisando esta trajetória, além de fotos e documentos arquivados.

O estudo de caso tem como características ser um estudo profundo, e exaustivo de um ou mais objetos, pois desta forma é possível que os resultados obtidos mostram fielmente o objetivo proposto. Segundo Fonseca (2002, p. 33), estudo de caso:

Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe.

Para Triviños (1995, p. 133) estudo de caso: “É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente. ” Apresenta um estudo detalhado da trajetória do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, onde o investigador estará atento para trazer novas contribuições para a compreensão de todos.

O estudo de caso vem sendo utilizado com bastante frequência por pesquisadores por auxiliar em diferentes propósitos, tais como:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos. (GIL, 2010, p. 58).

O instrumento utilizado para a coleta de dados desta pesquisa foi à entrevista do tipo semiestruturada e a análise de conteúdo. A entrevista semiestruturada para Triviños (1995) valoriza a presença do investigador, possibilitando a liberdade do interlocutor, fazendo com que a investigação fique mais rica de detalhes. Ainda segundo Trivinos (1995, p. 146), a entrevista semiestruturada:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Para Yin (2010), o entrevistador não pode esquecer que além das respostas dadas, é preciso fazer anotações sobre os aspectos não verbalizados e estar atento para conduzir a entrevista para que esta se torne rica e produtiva. Para Bosi (2003, p. 59), “[...] antes de o entrevistador ir ao encontro do entrevistado, este deve recolher o máximo de informações sobre o assunto em pauta para poder formular questões que irá estimular o entrevistado a responder”. O autor ainda ressalta que a entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade, pois da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista, principalmente se as perguntas tratarem de fatos relevantes vivenciados pelo entrevistado. Numa entrevista onde as lembranças dos fatos ocorridos serão questionadas pelo entrevistador pode acontecer de o entrevistado ficar emotivo e sua voz ficar fragmentada, Bosi (2003) relata que estas podem ser significações que nos aproximam da verdade e, por isso, se houver silêncio por parte do entrevistado, seria prudente que o pesquisador correspondesse a este silêncio.

Bosi (2003, p. 65) ressalva que: “O silêncio na pesquisa não é uma técnica, é como que o sacrifício do eu na entrevista que pode trazer como recompensa uma iluminação para as ciências humanas como um todo”. Portanto, devemos ter em mente que a nostalgia, o silêncio, pode ser o desejo de que o presente e o futuro possam devolver alguma coisa que foi perdida no passado.

Já a análise de conteúdo é uma técnica exploratória que busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse, reproduzindo uma fonte rica e estável. Fonte que constitui evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Significa uma fonte “natural” de informação. Fonte que permite obter dados quando o acesso do sujeito é impraticável ou quando a interação pode modificar seu comportamento ou pontos de vista.

Segundo Lüdke e André (1986), a análise documental contém procedimentos que são caracterizados segundo o tipo de documentos que será usado ou

selecionado; escolha e seleção dos documentos; análise dos dados; forma de registro, através da organização dos dados, construção de categorias ou tipologias e, por fim, um novo julgamento das categorias quanto às suas abrangências e delimitação.

Desse modo, o método aplicado atende aos objetivos estabelecidos neste trabalho, tendo estas três etapas as quais são apresentadas a seguir:

- a) primeira etapa: envolveu o Projeto de Pesquisa, a definição do tema, dos objetivos, a elaboração do problema da pesquisa, além da realização dos estudos teóricos;
- b) segunda etapa: envolveu as análises e as interpretações dos dados, referentes às entrevistas, agendadas com dia e hora marcada, com as secretárias da Secretaria de Estado da Educação e as Coordenadoras e por e-mail com os alunos. Nestes encontros foram assinadas as autorizações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (apêndice D). As entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro com três tipos de entrevista, uma para as crianças e Jovens contendo seis (6) questões, outra para as Coordenadoras com dez (10) questões e uma para as Secretárias com cinco (5) questões. As entrevistas presenciais foram registradas com um gravador de áudio. A finalidade destes passos foi recuperar a memória social do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, da Secretária de Estado da Educação, (SEDUC).
- c) terceira etapa: envolveu a análise das informações obtidas, através dos materiais utilizados na pesquisa documental além das entrevistas e das transcrições das gravações obtidas na coleta de dados. Todos os dados obtidos foram fundamentados na literatura referente ao tema. Com a intenção de responder ao problema e os objetivos desta pesquisa.

A seguir será explanado o objeto de estudo do referido trabalho.

7 CONTEXTO DO ESTUDO

O Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias é uma ação da Secretaria de Estado da Educação que tem como objetivo principal estimular a auto expressão do aluno, valorizando sua produção gráfica e textual, consolidadas pelo gosto da leitura desenvolvido na escola. O Programa chega aos seus vinte e cinco anos (25), reunindo trabalhos de gêneros literários e artísticos de estudantes da Rede Estadual de todas as regiões do Rio Grande do Sul. O Projeto foi implantado em 1992 sob a coordenação da Professora Jane Narvaes Bestetti, coordenadora do antigo Centro do Livro e Bibliotecas Escolares (CLBE), hoje SEBE.

Da atitude da coordenadora Jane Narvaes Bestetti e do apoio de todos os integrantes da Secretaria de Estado da Educação, este trabalho que começou como uma pequena ação, se transformou em Projeto e, atualmente em Programa, chegando aos seus vinte e cinco anos (25), de trajetória. Esta iniciativa teve sua 1ª edição em 1993 na gestão do então Governador Alceu Collares e da Secretária de Estado de Educação Neuza Canabarro, realizando-se nas gestões subsequentes do Governo do Estado como mostra cronologia no Quadro 2.

Quadro 2 – Gestão de 1993 a 2017

ANO	GOVERNADOR(A)	SECRETÁRIO (A) DE EDUCAÇÃO	COORDENADORA DO SEBE/DP
91/94	Alceu Collares	Neuza Canabarro	Jane N. Bestetti
95/98	Antonio Britto	Iara S. L. Wortmann	Eliane L. da Silva Moro Maria do C. Mizzetti
99/02	Olívio Dutra	Lucia Camini	Maria do C. Mizzetti Rosane Koschewitz
03/06	Germano. A. Rigotto	José A.R. Fortunati Nelsi H. Müller	Rosane Koschewitz Vera L. Domit
07/10	Yeda R. Crusius	Mariza Abreu Ervino Deon	Vera L. Domit Maria do C. Mizetti
11/14	Tarso Genro	Jose C. de Azevedo	Maria do C. Mizetti
15/ATUAL	José Ivo Sartori	Carlos E. V. da Cunha Luís A. A. de Freitas Ronald Krummenauer	Maria do C. Mizzetti

Fonte: COSTA, 2017

O quadro mostra que o Programa passou desde sua criação por seis gestões, solidificando-se como uma proposta de leitura e escrita, consolidando-se como uma política pública de leitura. Desde então, o Programa é uma atividade que mobiliza todo o Rio Grande do Sul nos mais longínquos municípios do Estado, envolvendo não só alunos e professores, mas os pais, responsáveis, funcionários, e toda a comunidade escolar, fazendo com que a cada ano a adesão seja significativa, apesar das crises enfrentadas pela educação.

O envolvimento da comunidade escolar registra-se na Quadro 3. Nos primeiros anos eram selecionados uma média de vinte textos (20), passando para quase cem (100) o número de selecionados, nos dias atuais.

Quadro 3 – Trabalhos selecionados no Programa Crianças e Jovens Escrevendo Histórias

Quant. de textos por ano		Trabalhos Selecionados	Quant. De trabalhos por ano		Trabalhos Selecionados
1993		12	2006	2.749	58
1994		13	2007	4.005	81
1995		12	2008	5800	69
1996		19	2009	4.992	85
1997		12	2010	3508	82
1998		16	2011	3673	95
1999		18	2012		97
2000		38	2013	4.416	94
2001	1029	39	2014	2893	89
2002 ed. especial	5000.	67	2015	4355	84
2003		31	2016	3000	89
2004		54	2017	4.700	95
2005	1625	67			

Fonte: COSTA, 2017.

No início em 1992, o Programa era apresentado como “Crianças do Rio Grande Escrevendo Histórias” e reunia alunos de 5ª a 8ª séries, isto de 1993 a 1999 e, no ano 2000, foi ampliado para estudantes de 1ª a 8ª séries. Em 2001, o Programa foi ampliado para Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (PNEEs) e, em 2003, foi incluída a leitura de mundo da Educação Infantil. Hoje, o Programa tem a denominação de “Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias” e atende alunos de Educação Infantil e de Anos/Séries iniciais e finais do Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual de Ensino, incluindo a Educação Especial, as Escolas

Abertas, os alunos da Fase, os indígenas, as classes multisseriadas e remanescentes de Quilombos.

Os primeiros passos para a construção dos textos do Programa são realizados em sala de aula, com os alunos mediados pelo professor. Os textos são inéditos e o professor que é de Língua Portuguesa auxilia a produzir os textos de forma, a desenvolverem seu processo criativo, o domínio da leitura e o juízo crítico, que são condições necessárias para a formação e o exercício da cidadania.

As escolas recebem um regulamento onde está descrito o passo a passo de como participarem do Programa. O regulamento (Anexo A) é enviado pelo SEBE/SEDUC, no mês de março de cada ano, para as Coordenadorias Regionais (CRE) onde estas repassam para as escolas. Depois disso, fica a cargo da escola trabalhar o tema proposto no regulamento. Este tema pode ser livre ou então sugerido pela SEDUC. Nos primeiros anos o tema foi livre. Em 2000, foi sugerido um tema que contemplasse a vivência dos alunos junto às escolas, este tema foi a “Constituinte Escolar”, onde as produções foram feitas em forma de prosa e verso. Em 2001, o tema foi livre e em 2002, o Programa trouxe uma edição comemorativa, uma retrospectiva dos trabalhos produzidos pelas crianças e jovens desde 1993, além da seleção dos textos de 2002. De 2003 a 2011 o tema foi livre. Em 2012, o tema proposto foi “Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo: conectados com o Rio Grande, com o Brasil e o Mundo”. Em 2013 o tema foi livre e em 2014 os temas foram: “Superando Preconceitos; superando os medos Individuais e Sociais; A importância do livro e da literatura no conhecimento da vida”. Em 2015 os temas escolhidos foram: “Rádio na Escola, Educomunicação, Escola em Tempo Integral e Bullying”. Em 2016, o tema foi “Ação Local, Benefício Global”. E em 2017 com a comemoração aos 25 anos do programa o tema foi livre.

Após a divulgação do tema a escola participante trabalha em sala de aula, seleciona as melhores produções textuais e gráficas e encaminha para a CRE que, por sua vez, envia ao SEBE/SEDUC, onde a Comissão Julgadora de cada segmento, composta por especialistas na área de educação e literatura, avalia os melhores trabalhos para publicação no livro.

No quadro 4 consta os critérios da avaliação seguidos pela Comissão Julgadora.

Quadro 4 – Critério de Avaliação dos textos “Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias”

Crítérios de avaliação dos textos apresentados para a publicação “Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias”

1. Conteúdo (30 pontos) Título. Coerência Clareza.

Nível de Informação: argumentação; adequação da linguagem; originalidade; sem presença estereótipos e preconceitos; textos envolventes; temas interessantes.

2. Estrutura do Texto (30 pontos) **Organização:** introdução, desenvolvimento e conclusão. Parágrafo. Pontuação. Encadeamento em parte do texto. Adequação ao gênero / tipo textual. Nos **poemas:** apresentar a linguagem que a criança e/ou jovem traz; propiciar o acesso às emoções e sensações através do uso da linguagem poética. Presença de rimas, jogos de palavras.

3. Adequação Gramatical (30 pontos)

Ortografia. Acentuação gráfica. Nível de linguagem

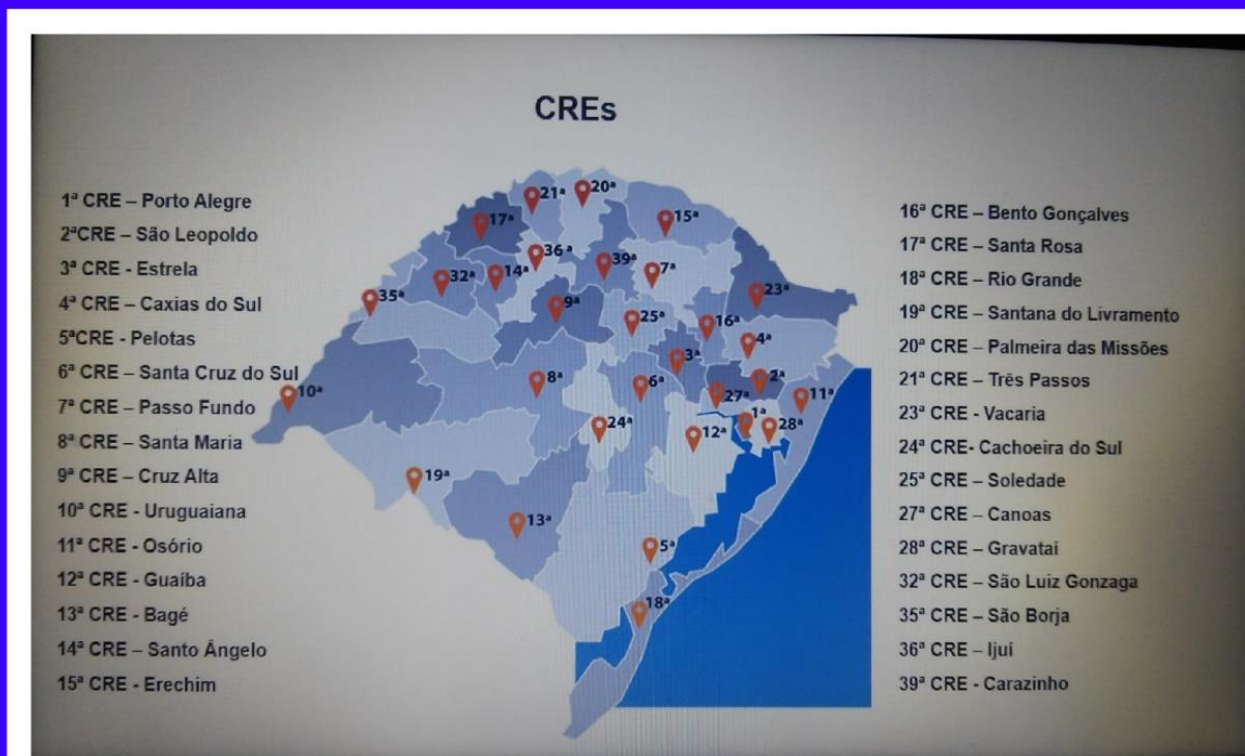
4. Contextualização (10 pontos)

Fonte: COSTA, 2017

Os alunos da Educação Infantil e do 1º ano do Ensino Fundamental concorrem com desenhos e, os do 2º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, concorrem com textos que podem ser complementados por ilustração. Os trabalhos selecionados são publicados em uma obra que é lançada todos os anos na Feira do Livro de Porto Alegre. O livro é um resultado das reflexões da vida cotidiana e a decorrência de brincadeiras e estudos nas salas de aula da educação infantil, das ideias, dos sentimentos e das percepções dos adolescentes e jovens e das mensagens passadas pelos alunos da educação especial, dos indígenas que com doçura expressam seu amor pela natureza.

A adesão das escolas ao Programa ocorre de forma voluntária e contam com o apoio das trinta (30) Coordenadorias Regionais que até 2000 eram denominadas Delegacias de Ensino (DE), compreendendo trinta e nove (39) Delegacias. A partir de 2001 começaram a ser denominadas de CRE compostas de 30 Coordenadorias. (Figura 6).

Figura 6 – Coordenadorias Regionais de Educação



Fonte: COSTA, 2017

A função das Coordenadorias Regionais é auxiliar as escolas sob sua jurisdição, viabilizando a comunicação entre escola e SEDUC, portanto a adesão delas ao projeto é um fator muito importante, determinante, até poderíamos dizer, pelo incentivo e apoio que prestam as escolas participantes.

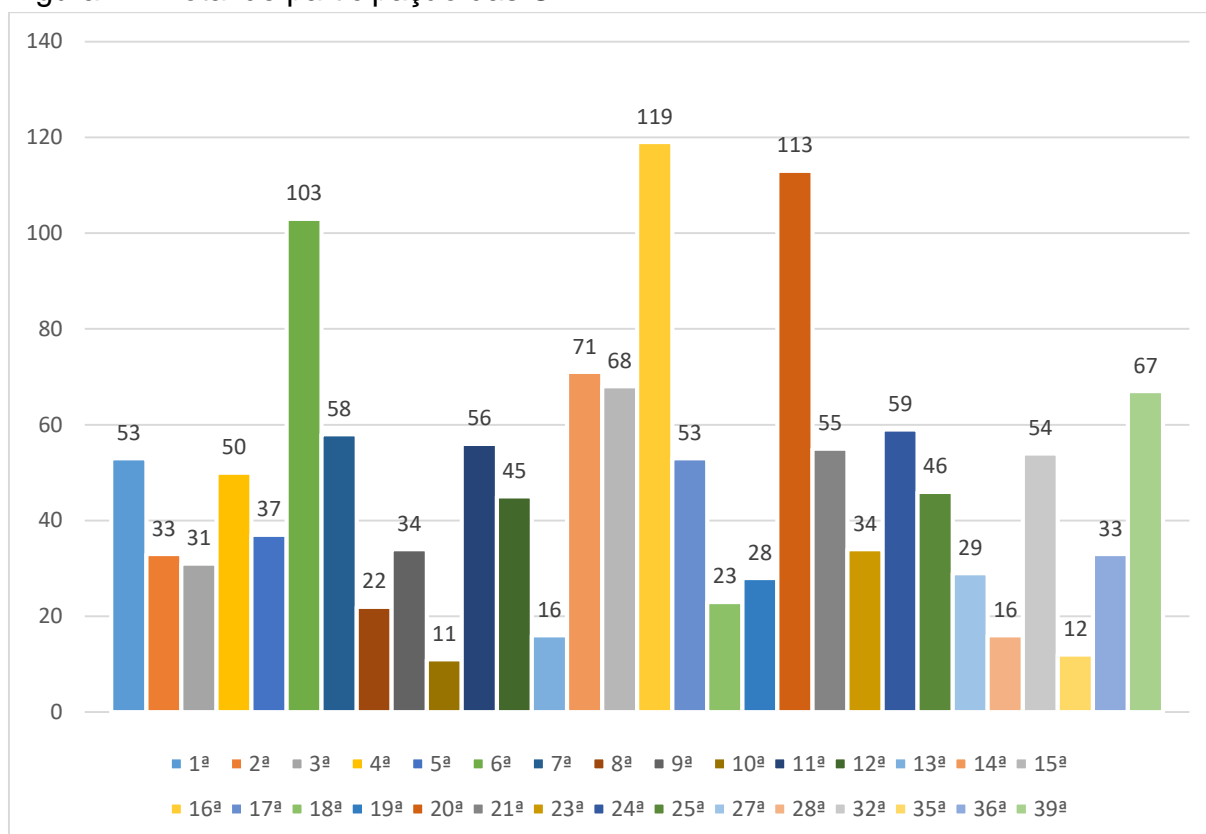
Observamos nesta pesquisa o desempenho e o percentual de participação das CRE nestes vinte e cinco anos (25) do Programa, conforme mostra tabela 1 e a figura 7 respectivamente.

TABELA 1 – CRE que mais participaram do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias

CRE	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	TOTAL
1ª		4		1		4		1	1	1	2		6	4	2	3	3	1	1	4	6	5	3	2	2	53
2ª		1			2				4				3	2	2	1	1		1	4	3	4	2	1	2	33
3ª		1					2	2				1	2		4	1	2	3	1	3	2	1	2	2	2	31
4ª	1			3			3		1		2	3	4	4	4	2	2		1	4	4	6	5	1		50
5ª								4		4	1	2	4	1	3	1	2	2	3	4	1	1	1	2	1	37
6ª	1		1	2				2	1		2	4	10	6	10	4	4	6	8	2	4	9	9	6	12	103
7ª				2		1		1	5	2	2	3	2	6	5	4	2	4	2	4	5	2	3	2	1	58
8ª							1	2	1	1	1		2		2	1	2		2	3	2	1	1			22
9ª			1	1					2	3	1	2	1	2	2	2		1	1	4	4	2	2	1	2	34
10ª	1					2									1	1	1		1	1	1	1	1			11
11ª									5	6	2		2	1	2	3	3	4	9	2	3	2	1	3	8	56
12ª		1	1	2						2		9		2	5	1	1	5	5	5	2	2		2		45
13ª										1	1	1			2	1	4			2	1	2		1		16
14ª	1			4		9				1			1	2	3	3	2	4	5	4	3	3	6	8	12	71
15ª	3			2	5		1	1		1	6	3	3	1	1	3	5	1		4	3	6	3	10	6	68
16ª				1	2	1	1	7	3	3	2	3	1	2	4	10	13	9	9	4	7	9	6	10	12	119
17ª	2							1	2	1	1	1	4	2	3	2	3	4	10	4	2	2	2	5	2	53
18ª	1	2		2				1				2		5	1	1		3	1	2	1	1				23
19ª													1		2	1	3	5	5	4	3	2	1		1	28
20ª			1		4	9	1	4		8		2	5	5	2	2	5	6	6	4	9	10	12	10	8	113
21ª	1	1	4		1	5		3	5	2	2	2	3	1	1	5	4		1	3	4	1	2	1	3	55
23ª		1	1						3	5	1			1	2	1	1	5	1	3	3	1	1	2	2	34
24ª						3			1	1	1	8	3	3	4	3	6	4	2	3	3	1	5	2	6	59
25ª		1	1							2	5	7	2	1	4	2	1	4	1	3	3	2	1	2	4	46
27ª								1					4	3	2	3	3	2	2	2	1	1	3	1	1	29
28ª	1											1			1				1	2	1	1	2	1	5	16
32ª		1	1	3			1	4	2		1		1	1	2	4	5	6	5	4	2	6	1	2	2	54
35ª															1	1	1		1	3	1	2		2		12
36ª			3				1	3					2	3	1	4			1	4	3	2	5	1		33
39ª	1			1	1		4	3	4	1	1	5	2	3	2	1	6	3	5	4	6	1	4	8	1	67

Fonte: COSTA, 2017

Figura 7 – Total de participação das CRE



Fonte: COSTA, 2017

A figura mostra que muitas CRE se dedicam muito para que suas crianças sejam finalistas e possam vir a Porto Alegre receber e autografar seu livro na Feira do Livro da Praça da Alfândega além do estímulo à leitura e à produção textual evidenciada no trabalho das escolas públicas estaduais jurisdicionadas às CRE.

O Quadro 5, apresenta as cinco escolas que mais participaram do Programa nestes vinte e cinco anos (25), abrangendo regiões diversificadas do Estado e destacando o trabalho realizado em sala de aula, em relação à leitura e à produção da escrita. É possível verificar que a CRE pode não ser tão participativa todos os anos, mas tendo uma escola pertencente a ela que participa ativamente, vale destacar a escola que realiza este trabalho. Isso pode ser constatado no quadro quando, por exemplo, a 27ª CRE não se destaca com a propriedade que a escola Érico Veríssimo, sob a sua jurisdição, se destaca.

Quadro 5 – Escolas mais Participantes do Programa Crianças e Jovens Escrevendo Histórias

CRE	PERÍODO	ESCOLA	FINALISTAS
11ª – Osório	2009 a 2017	E.E.E.F. Justino A. Tietboehl	20
16ª – Bento Gonçalves	1997 a 2017	E.E. Reinaldo Cherubini	25
19ª – Santana do Livramento	2010 a 2017	E.E. Doutor C. Vidal de Oliveira	16
24ª – Cachoeira do Sul	2007 a 2017	E.E.E.F. Miguel Mergen	23
27ª – Canoas	2005 a 2017	E.E.E.F. Erico Verissimo	17

Fonte: COSTA, 2017

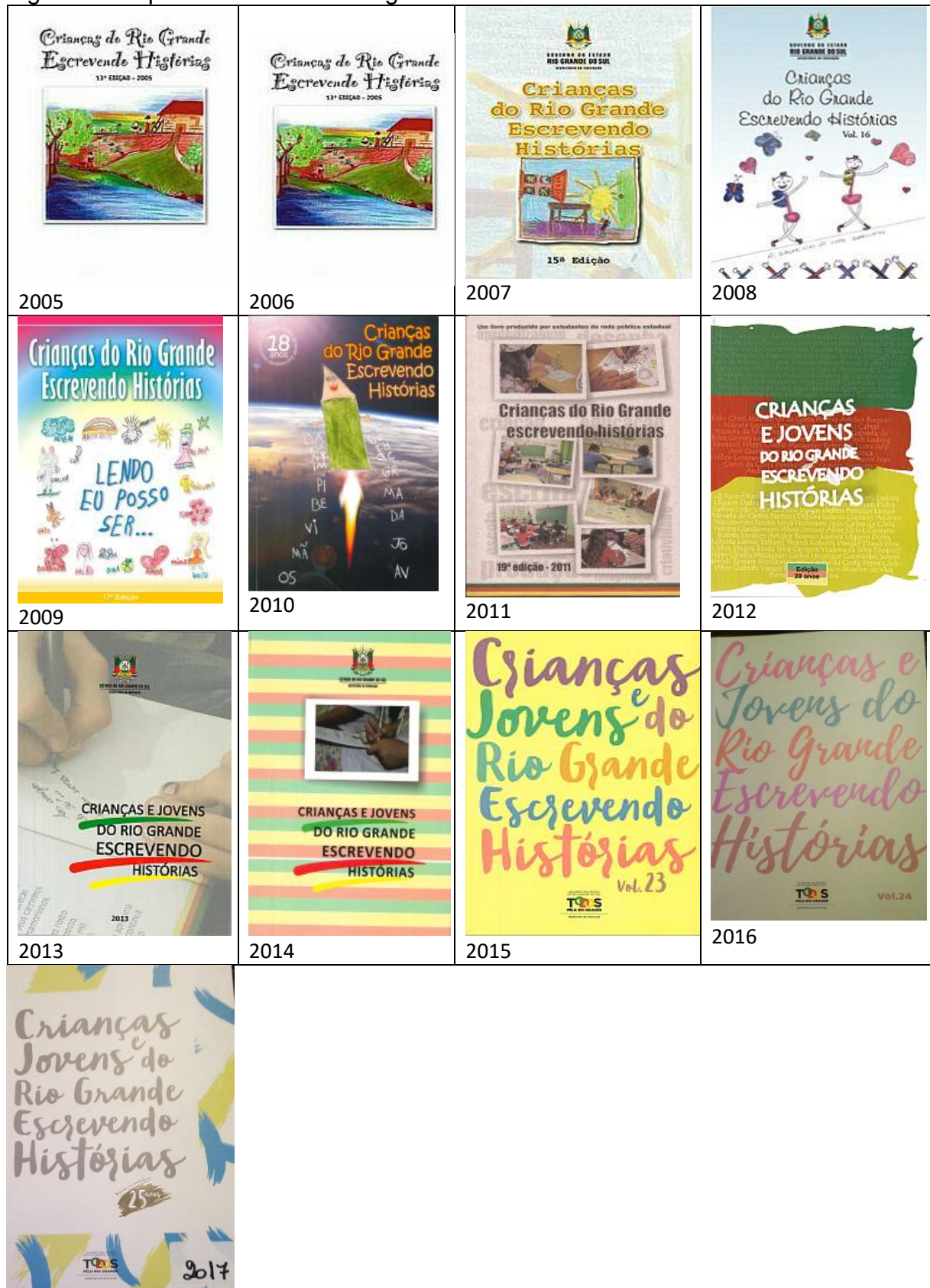
A evolução que teve o Programa é visível para quem acompanhou a sua trajetória. No início do Programa os textos eram manuscritos ou datilografados e eram enviados pelos correios, hoje as tecnologias facilitaram imensamente esta tramitação, esta interação dos textos da produção textual, até porque com os trabalhos datilografados não podia fazer correções, hoje tudo ficou mais fácil e rápido.

Em relação as capas estas nas primeiras edições eram mais finas, em preto e branco. Nos anos seguintes foram recebendo mais cores e traziam desenhos de autoria dos escritores que participaram do Programa. Os dois últimos volumes, apresentaram na capa, somente o nome do Programa, sem ilustrações. Outra característica apresentada nas capas é que imprimiam o número de edição, em romano, junto ao ano de publicação. Posteriormente, a edição passou a ser impressa em números ordinais. As capas podem ser visualizadas na Figura 8 e 9.

Figura 8 – Capas dos Livros do Programa

Fonte: COSTA, 2017.

Figura 9– Capas dos Livros do Programa



Fonte: COSTA, 2017.

No período de 2005 a 2017, os livros apresentaram, em suas contracapas, homenagem a grandes escritores já falecidos. Em 2005 o homenageado foi Eríco Veríssimo, em 2006 o escolhido foi Mario Quintana. Em 2008, Cyro Martins foi o homenageado pelo ano do centenário de seu nascimento, em 2012 Barbosa Lessa, em 2015 os escritores Carlos Urbim e Sérgio Napp, Hermes Bernardi, em 2016 foi o escolhido para compor a contracapa do livro e, em 2017, o escolhido recaiu em Moacyr Scliar, em homenagem aos oitenta anos (80) deste grande escritor. Em 2015 e 2016, a introdução dos livros coube ao compositor, publicitário e escritor infantil Luiz de Martino Coronel. Os livros tiveram grandes mudanças, de 1993 a 1999 o conteúdo era menor, em torno de 20 histórias sendo que as ilustrações eram em preto e branco. A partir de 2000 as histórias aumentaram e o número de páginas e os desenhos começaram a ser coloridos.

Outra evolução que aconteceu nos livros do Programa foram as fotos dos finalistas, junto com os textos escolhidos. Este processo foi bem importante, pois ao chegarem para receber o prêmio à equipe que os recepciona já identifica os autores dos textos.

8 SUJEITOS DO ESTUDO

Os sujeitos desta pesquisa no que se refere ao estudo de caso, são formados por duas Coordenadoras, uma iniciou o Programa em 1992 e a outra deu sequência, isto é, estando a frente do Programa. A Coordenadora atual é bibliotecária do SEBE, é ela que organiza, o Programa, auxiliando as CRE para que estas possam passar as informações corretas às escolas, para que o Programa decorra em perfeita harmonia, chegando ao final com as crianças recebendo sua obra na feira do livro de Porto Alegre. A pesquisa contará também com duas Secretárias da Educação, Neuza Canabarro que participou do início do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias e Iara Silva Lucas Wortmann que continua como Secretária adjunta na Secretaria de Educação, e nove (9) alunos que participaram do Programa. Para melhor compreensão da derivação das falas transcritas que seguirão no decorrer deste trabalho, os sujeitos foram identificados da seguinte maneira:

Quadro 6 – Sujeitos do Estudo - Secretárias e Coordenadoras

Sujeitos	Ano que participou do Programa
Coordenadora 1	91/94
Coordenadora 2	98/99/ 2010 à 2017
Secretária de Educação1	Março/1991 a dezembro/ 1994.
Secretária de Educação 2	90/91, 95/98,16/17

Fonte: COSTA, 2017

Quadro 7 – Sujeitos do Estudo – Crianças e Jovens

Sujeitos	Ano que participou do Projeto	Idade que participou do Projeto	Idade atual
Sujeito 1	1996	14 anos	37 anos
Sujeito 2	2005	8 anos	19 anos
Sujeito 3	2008	7 anos	16 anos
Sujeito 4	2010	6 anos	13 anos
Sujeito 5	2012	6 anos	11 anos
Sujeito 6	2014	9 anos	12 anos
Sujeito 7	2015	7 anos	9 anos
Sujeito 8	2016	8 anos	9 anos
Sujeito 9	2017	11 anos	11 anos

Fonte: COSTA, 2017.

9 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Na realização deste estudo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a finalidade de entender o significado do Programa na vida destas crianças e jovens. Foram elaborados três tipos de roteiro de entrevista, uma para as Secretárias de Educação com cinco (5) questões, outra para as Coordenadoras com dez (10) questões e uma para as crianças e Jovens contendo seis (6) questões, (Apêndices A B e C). A entrevista semiestruturada foi realizada presencialmente (com as Secretárias e Coordenadoras) e através de e-mail, com os escritores entrevistados.

Este instrumento de coleta de dados foi escolhido porque pode ser desenvolvido a partir de esquemas básicos e possibilita que o entrevistador faça adaptações quando necessárias. As pessoas entrevistadas consentiram suas falas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D) autorizando a utilização das informações que fazem parte dos dados coletados e analisados para responder ao problema proposto na pesquisa.

A entrevista semiestruturada permite que o entrevistado fale livremente sobre os assuntos que vão surgindo. Por ser entrevista, optou-se pela gravação por ser a técnica mais recomendável para esta pesquisa. Gravação segundo Duarte e Barros (2006, p. 75), “[...] possibilita o registro literal e integral e é o melhor modo de preservar o conteúdo da entrevista [...]”. Sendo assim as gravações foram transcritas e inseridas neste capítulo.

Além da entrevista foi utilizada a análise de conteúdo que abrange descrição, análise e interpretação de livros, neste caso os 25 livros do Programa, além de fotos e documentos dos textos escritos pelos alunos selecionados no Programa.

A análise é apresentada com o roteiro semiestruturado das entrevistas, com as respostas e transcrição da gravação do áudio (nas entrevistas com as Secretárias e as Coordenadoras), a qual se optou pela transcrição literal da fala dos entrevistados e, na sequência, a análise.

9.1 Sujeitos – Secretárias de Estado da Educação

Pergunta 1: Qual o período de gestão na Secretaria de Estado de Educação?

Secretária 1 – 15 de março de 1991 a dezembro de 1994 no Governo Collares.

Secretária 2 – *Eu tive o 1º período como Secretária foi no governo Simon/Guazelli de 90 a 91, eu tinha sido antes delegada de Porto Alegre e depois eu voltei no governo Brito em 1995 a 1998 também como Secretária. Agora estou desde junho de 2016 como Secretária adjunta.*

O governo Collares foi de um partido (PDT) e os governos subsequentes Simon, Guazelli e Brito foram do (PMDB), assim como o governo atual e, nesta transição de período de tempo e de partidos políticos e de secretárias de educação, o Programa continuou.

A Secretaria 1, ficou somente um mandato enquanto a Secretária 2, atuou na gestão em três (3) mandatos além de ter titulação de delegada na Delegacia de Porto Alegre, atual 1ª CRE.

Atualmente a Secretária 2, atua como Secretária-adjunta na Secretaria de Educação atuando e participando ativamente dos projetos e Programas realizados no âmbito da educação.

Pergunta 2: Como considera a criação e a continuidade do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias neste período de 25 anos, na alternância de governos?

Secretária 1 – *Eu considero que é mérito dos bibliotecários que conseguiram manter o Projeto ativo, embora ele não esteja discriminado por todas as escolas. Talvez aí tenha que ser feito um trabalho mais localizado, porque senão nós mantemos só ilhas em excelência contando estímulos e outros, exemplo é Porto Alegre que poderia ter uma bela representação e não tem. Mas só o meio de manter o Projeto vivo, manter já é fator positivo e de cumprimentos e parabenizar.*

Secretária 2 – *Em primeiro lugar, quando um Projeto que é hoje muito maior que um Projeto, uma ação da Secretaria da Educação, ele é uma política. Quando ele consegue perpassar vários governos, e continuar forte e até mais forte, porque hoje o nome do Projeto mudou né? Crianças e Jovens né? Antes era só Crianças né, lá quando começou. No momento que né um trabalho destes ele perdura ou ele sobrevive ou vive por vinte cinco anos é porque ele é um Projeto realmente de muita qualidade e de muita relevância para a educação do Rio Grande do Sul, especialmente porque através desta construção, destas histórias ou da publicação desse livro o aluno além de ter que criar, acontece mais do que isto, este aluno*

inclusive ele participa de seções de autógrafos na nossa Feira do Livro, isso aí pro o aluno é um aprendizado, porque primeiro ele passa pela seleção do texto dele ter sido escolhido, depois a publicação do livro que não é uma coisa tão usual para um aluno ter o nome o texto publicado no livro e depois disso eu vejo assim que o momento nobre é quando na Feira do Livro ano a ano este aluno tenha a possibilidade de autografar este livro este texto dele. Isto para mim é uma coisa muito boa, porque assim o se a leitura é importante a produção do texto é mais ainda.

Esta questão direcionada às secretárias busca identificar como elas percebem esta continuidade do Programa por vinte cinco anos (25) e por ter conseguido perpassar tantos governos. A Secretária 1, diz que está continuidade é mérito dos bibliotecários assim como a Secretária 2, que ressalta a qualidade e a relevância deste Programa para a educação, além de incentivar a leitura e a produção textual que para ela é muito importante. O Programa foi desenvolvido de maneira significativa, no início com poucos textos publicados, mas os resultados foram positivos e hoje atende quase cem alunos (escritores) que escrevem e publicam seus textos no livro do Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias.

Pergunta 3: No âmbito da educação como consideras o Programa no estímulo da leitura e da escrita dos alunos da educação básica?

Secretária 1 – *Olha eu considero que é uma ferramenta porque com este trabalho tu lanças incentivos para que as crianças se motivem a registrar, ou seja, poesia, ou seja, contos, mas escrever e ler. E nós sabemos que uma criança que lê, escreve e interpreta corretamente. É só ela saber as quatro operações ela vai embora com a escola e apesar da escola, isso aí é o básico, o alicerce de toda uma educação. Então a leitura bem-feita agora a interpretação também, o que nos vemos hoje se tu distribuir um texto para nível superior para dez, vais ter no mínimo três interpretações completamente diferentes.*

Secretária 2 – *Isto está inserido no que eu disse, na verdade qual é o papel da escola? O papel da escola é fazer com que o aluno possa ele mesmo construir a aprendizagem e escrever é um exercício de aprendizagem, porque, porque a linguagem né ela é alguma coisa que vai ser importante para o aluno a vida inteira. Porque se ele não conseguir se comunicar e ao escrever este livro ele está exercitando esta possibilidade de interagir com o outro.*

A finalidade desta questão é verificar se as Secretárias acreditam que o Programa estimule a leitura e a escrita dos alunos da educação básica. A constatação, a partir das respostas, foi que ambas as secretárias acreditam que o Programa é uma ferramenta, um incentivo para que as crianças se motivem a registrar, a escrever e a ler. A Secretária 1, ressalta que a criança que lê escreve e interpreta corretamente, em conformidade com esta, a Secretária 2, acredita que escrever é um exercício de aprendizagem. As duas Secretárias apontam da importância da escrita no processo da aprendizagem, corroborando com Parreiras (2009, p.156) que afirma:

Uma das grandes contribuições que a educação escolar pode oferecer às crianças é a aquisição da leitura, o domínio da escrita e a capacidade interpretativa. Esses são os pontos importantes numa avaliação individual e de grupo numa sala de aula.

Portanto, ler para escrever, instiga a inteligência, a imaginação, o discernimento na criança, pois a leitura e a escrita criam possibilidades, ampliam a visão que a criança o indivíduo tem do mundo.

Pergunta 4: Como você considera o Programa abrangendo a diversidade e propiciando a inclusão social no âmbito das escolas?

Secretária 1 – *Considero que ele é importante, que deve concorrer e só o fato de se manter [...], mas não é assim, não se pode garantir que este esteja atingindo tudo, se ele só fica nos mesmos espaços tem que ter uma abertura maior e, para isso, é necessário que não que o poder público que os governantes façam, que deem condições que deem vamos dizer a instrumentalização, meio de transporte, possibilidade de fazer visitas fazer reuniões, conversar com alunos, estimular.*

Eu sempre digo que cabe aos governantes, governador, secretários fazerem, darem as condições de infraestrutura e material, professor tendo isso, ele desabrocha, ele cria, ninguém melhor que um bibliotecário para criar. E esse, essa criação é o bibliotecário que vai fazer com que se tem, o retorno, o fruto, é o aluno, aquele aluno que te traz a escrita a poesia o conto, seja lá o que for, e o que vai te dar retorno do trabalho, mas só tu poderás dizer que é sucesso se atingiu o mínimo de 70%. Nós temos no Rio Grande do Sul mais de duas mil escolas (2000), quantos tem que atingir? Porto Alegre quantas tem? Se não atingir 70% do trabalho não é excelência. Não, não, mas atingiu 40%, mas a pessoa está paga para fazer seu trabalho [...].

Secretária 2 – *1º lugar, assim o, para escrever o texto o aluno é livre né? Não há uma seleção prévia, não há uma seleção tem que ter vontade para fazer isso e no momento que também a própria escolha do tema é uma escolha individual não há nenhum tipo de subordinação alguma orientação da Secretária né? Tem que escrever sobre isso ou aquilo, este ano é livre né? Eu acho que isso faz com que o aluno realmente o aluno ou aluna ele possa escrever dentro daquele tema, temática que ele está interessado no momento. Isso é importante. Acho que isso aí ele se insere nas diferentes realidades nas diferentes temáticas inclusive na diversidade que é o nosso mundo.*

A questão 4, tem o intuito de verificar se o Programa abrange a diversidade e atende a inclusão social no âmbito das escolas. Segundo Imbernón (2000 p. 86-87):

A diversidade que a educação pretende atender não pode ser estabelecida em termos abstratos, mas ao contrário, deve estar vinculada a uma análise da realidade social atual e deve abranger tanto o âmbito macrossocial quanto o microssocial. [...] é preciso considerar a diversidade como um projeto socioeducativo e cultural enquadrado em um determinado contexto, e entre as características desse projeto necessariamente devem figurar, a participação e a autonomia.

Sendo assim a Secretária 1, considera que o Programa é importante, mas que deve abranger uma abertura maior, que o poder público deva dar mais condições, possibilidades para o professor e para os alunos. A Secretária 2, acredita que não há nenhuma subordinação na escolha do tema. Devido a isso, o aluno escolhe o que ele quer escrever e assim ele consegue se inserir nas diferentes realidades e temáticas “inclusive na diversidade que é o nosso mundo”.

Nesta questão a diversidade é contemplada quando possibilita a participação dos diferentes como os indígenas, as pessoas com deficiência, as crianças e jovens da FASE, entre outros considerados excluídos.

Pergunta 5: Quais sugestões você daria aos coordenadores do Programa?

Secretária 1 – *Olha os coordenadores eu diria assim toda fizesse uma avaliação destes vinte cinco anos. Avaliação para fazer um diagnóstico nós não mantivemos isso vinte cinco anos como cada ano ampliando nossa área de ação ou restrito aos mesmos? Se é restrito aos mesmos ouve só manutenção não houve um trabalho de expansão entende que gradativamente vinte cinco anos não, se começou,*

começamos com tantas escolas depois tantas depois tantas e hoje estamos com 90%, houve a manutenção. Uma sugestão é que faça isso e desses vinte cinco anos tirem toda a experiência para entrar numa próxima etapa que deve abrir para todos que é isso que nós queremos não só um grupo que vai se manter para manter o projeto entendes o que quero dizer? Mas abrir que todos tenham oportunidade imagina se tu tens uma amostragem muito pequena de toda, toda a nossa área ta, quanta gente, quantos talentos não ficaram esquecidos, quantos não tiveram oportunidades [...]

Secretária 2 – *Eu acho que é um Projeto que há 25 anos ele faz um trabalho tão importante junto a nossas escolas, nossos alunos. Eu acho que continue assim eu acho que realmente eu posso dizer que por duas vezes eu fui Secretária da Educação e é um Projeto que pra mim ele diz muito porque eu acho que a Secretaria da Educação através do Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias eu acho que neste Projeto, neste Programa nesta Política a Secretaria de Educação ela possibilita que o aluno realmente ele consiga se inserir como um cidadão além de consciente mas também que se interaja com sua comunidade e por ai ele é importante.*

Na questão 5, a Secretária 1, acredita que os coordenadores deveriam fazer uma avaliação destes 25 anos do Programa acreditando que este atende um mesmo grupo de escolas e por isso deveria fazer um diagnóstico para entender porque algumas CRE não participam com o mesmo afinco como outras.

Já a Secretária 2, acredita que o Programa deve continuar como está, pois, possibilita ao aluno interagir com a comunidade em que está inserido.

A participação dessas crianças e desses jovens no Programa além de expressar o meio a cultura os costumes da comunidade através do texto que ele escreveu ou ilustrou também destaca a comunidade por meio da sua participação da publicação, da sessão de autógrafos na feira do livro porque é o nome do aluno, é o nome da escola, a escola de determinada comunidade. Se percebe que a coordenação do Programa foi ampliando. Ele começou pequeno e foi se tornando grande até pelo número de participantes no Programa.

9.2 Sujeitos: Coordenadoras do Programa Crianças e Jovens Escrevendo Histórias

Pergunta 1: Qual a proposta inicial do Programa?

Coordenadora 1 – *Foi exatamente para valorizar os textos produzidos pelas crianças do interior muito mais que os da Capital, porque os da Capital tinham os professores que estavam aqui na frente de tudo, da Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura, tinham tudo para fazer, as do interior quando eu andei fazendo umas visitas, quando eu era coordenadora [...], os da capital tinham acesso a tudo.*

Coordenadora 2 – *Reunir as melhores redações de alunos de 5º a 8º série/ano dos vários municípios do Rio Grande em um livro e expor esta obra na Feira do livro de Porto Alegre.*

A questão direcionada às Coordenadoras pretende identificar qual foi a proposta do Programa quando este iniciou. Segundo a Coordenadora 1, a proposta do Programa era para valorizar os textos das crianças do interior que não tinham acesso e oportunidades como as da capital.

Já a Coordenadora 2, relata que o Programa foi criado com o objetivo de reunir as melhores histórias para que se tornasse uma publicação e fosse exposto na Feira do Livro de Porto Alegre.

Sendo assim, pode-se dizer que a proposta do Programa é dar acesso as atividades de produção textual e a oportunidade de leitura para muitos.

Pergunta 2: Como foi a experiência na coordenação do Programa?

Coordenadora 1 – *Olha eu gosto tanto da minha profissão, eu gosto tanto de ser professora e eu gosto tanto do trabalho que fiz que eu lamento estar velha e não poder fazer mais [...] é uma profissão de valia porque as crianças que passam na escola que tenha uma boa bibliotecária, estas crianças saem sempre com vontade de ler alguma coisa [...] elas saem mais motivadas, então eu acho que o trabalho da bibliotecária numa escola aí meu Deus eu acho muito importante.*

Coordenadora 2 – *A experiência me trouxe conhecimento sobre os alunos escritores, a importância que é para eles e seus professores autografar na Feira do Livro de Porto Alegre e a vinda à Secretaria de Estado da Educação. O Projeto além de incentivar à leitura e a escrita, envolve a comunidade escolar e a população em geral, uma vez que temos colecionadores das obras publicadas ao longo dos anos. Este trabalho é gratificante pois ele envolve todos os alunos da rede estadual de ensino e abre portas para novos escritores e leitores também. O Programa passou por várias ampliações*

nestes vinte cinco anos: Incluiu o ensino médio, a educação especial, a educação indígena e a infantil.

A questão 2 deixa claro o prazer que a Coordenadora 1, tem por sua profissão (professora), e seu encantamento pela profissão da bibliotecária, pois ela acredita que escolas que tenha estas duas figuras as crianças iriam ler mais, se interessar, saírem mais motivadas depois de lerem algo que chamem a atenção delas.

Para Goodman (1990) o leitor busca um sentido no texto e este é alcançado através da utilização de métodos e isso só é possível se os leitores realizarem leituras que sejam interessantes a eles. A fala de Goodman só vem reforçar o que a Coordenadora 2, relata sobre sua experiência na coordenação do Programa, esta descreve que o Programa além de incentivar à leitura e a escrita ele envolve toda comunidade escolar e a população em geral, pois muitos procuram a feira do livro para buscar seu exemplar para colecionar ou dar de presentes para seus familiares.

Em relação ao profissional bibliotecário, este tem como função mediar a leitura no espaço da biblioteca escolar, estimulando inclusive a produção da escrita e da leitura. O bibliotecário é capacitado para desempenhar um papel ativo, um agente de mudanças sociais. Pois se a biblioteca escolar é um espaço de ensino o bibliotecário tem o dever de estimular o aluno a pensar, refletir e fazer uma análise crítica das informações que chegam até eles.

Pergunta 3: Quais foram as maiores dificuldades e os grandes avanços na realização do Programa?

Coordenadora 1 – *Dificuldades mesmo nós não tivemos a maior dificuldade era na hora porque a secretaria tem tudo planejado em termos de dinheiro né? E aí na hora de poder editar o primeiro livro do Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias. [...] porque aí não tinha dinheiro, primeira coisa é isso tu vai falar com a pessoa pode ser o secretario [...] quando uma coisa não é conhecida parece que é um mau que tu queres fazer ao invés de encarar aquilo como mais um adereço o ensino e a educação, não ai mais porque será que ela inventou isso? Quantas vezes a gente ouve dizer, não é? Então eu que trabalhei na Secretaria de Educação da Prefeitura e na Educação do Estado. Na educação da Prefeitura como era muito menor deslanchava muito mais fácil as coisas o estado até que tu colocasses uma sementinha [...] era muito difícil. Avanços teve porque os professores [...] que são os*

grandes problemas nas escolas, porque quando eles não querem fazer as coisas eles têm tudo ali e eles não fazem, então isto foi o Programa Crianças do Rio Grande Escrevendo Histórias, porque aquela escola cuja bibliotecária era bem acreditada e trabalhava, fazia a coisa acontecer, mas aquelas que não tinham bibliotecárias ou tinha assim as doentes que se coloca lá na biblioteca pra cuidar da biblioteca [...] biblioteca não é lugar de pessoas doentes, não é um hospital não é um reformatório [...].

Coordenadora 2 – *As dificuldades sempre foram financeiras e os avanços foi a expansão do Projeto para alunos do 1º ao 9º ano, Ensino Médio, Educação Indígena e Educação Especial.*

Na questão 3, sobre dificuldades e avanços na realização do Programa, as Coordenadoras são enfáticas em dizer que a dificuldade financeira é uma das barreiras na hora da realização do Programa. A Coordenadora 1, salienta que quando algo não é conhecido os obstáculos são maiores porque as pessoas ao invés de verem os projetos, programas, como algo incentivador para a educação eles criticam. A Coordenadora ressalta ainda que os projetos realizados na secretaria de educação do município eram mais fáceis de realizar, já na secretaria do estado tudo é mais difícil.

Já os avanços a Coordenadora 1, relata que as escolas que tinham bibliotecárias as coisas aconteciam, mas aquelas que não tinham bibliotecárias tinham mais dificuldades porque segundo ela tem professores que tem tudo nas mãos e não fazem nada. Outro fato citado foi a colocação de professores doentes na biblioteca, segundo a Coordenadora biblioteca não é lugar de doentes, não é hospital, não é reformatório. Segundo Neves et al. (2011) biblioteca é um lugar que estimula o desenvolvimento e o fortalecimento do prazer da leitura, que são condições indispensáveis para que o usuário usufrua dos benefícios de acesso à informação, seja para o estudo, o ensino, o trabalho, a arte ou a diversão.

Esta citação deixa claro que biblioteca é e deve ser sempre um espaço de estudo e aprendizagem e não um espaço de doentes, pessoas que não podem ficar na sala de aula e são colocadas na biblioteca, esta visão deve ser mudada.

Já a Coordenadora 2, afirma que o avanço maior do Programa foi a expansão deste, pois no início abrangia os alunos do 5º ao 8º ano e hoje atende todo o Ensino Médio, Educação Indígena e Educação Especial.

Além das dificuldades financeiras também fica evidenciado a não adesão de algumas CRE no Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias.

Pergunta 4: Consideras o Programa como transformador social do indivíduo? Por quê?

Coordenadora 1 – *Eu considero se o projeto for bem aplicado. Eu acho que é transformador porque através da leitura é que a gente vê o mundo diferente então o projeto de leitura eu acho que é.*

Coordenadora 2 – *Considero um transformador sociológico porque os textos refletem os hábitos, os conflitos familiares, as preocupações dos jovens com o futuro e com os rumos do nosso Estado, a zona rural e a diversidade.*

Para a Coordenadora 1, o Programa será um transformador social se for bem aplicado. Atribui esta transformação à leitura que faz com que o aluno possa ver o mundo por diferentes ângulos.

A Coordenadora 2, também acredita que esta transformação social se dá através dos textos, pois refletem os hábitos, os conflitos familiares, o contexto em que vivem os autores. Segundo Lerner (2002, p. 18):

O contato com os textos, na escola, deve servir para que os alunos busquem resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos [...].

Enfim, o Programa oportuniza aos alunos se sentirem livres em escrever suas histórias mesmo que, em algumas edições, tinham um tema predeterminado.

Pergunta 5: Quais os impactos que o Programa tem para os educandos em sua opinião?

Coordenadora 1 – *Eu acho que é um estímulo, uma valorização da leitura é por aí que começa, se o professor valoriza a leitura ele vai passar isso para os alunos então já é um campo aberto para se formar leitores né, é isso.*

Coordenadora 2 – *Resumiria esta pergunta em uma palavra “Valorização”. O aluno e sua família veem a valorização do texto, do professor e dos municípios envolvidos no processo de seleção.*

As Coordenadoras na questão 5, são unânimes em afirmar que o Programa é um estímulo, uma valorização para o aluno, para sua família e para a sua comunidade. Valorização também para a leitura. Martins (1997), descreve a leitura como um aprendizado natural, mas exigente e complexo como a própria vida. Ler não é decifrar o que está escrito e escrever não é copiar, por isso o aluno deve ser instigado a identificar o que ele quer representar podendo ser na linguagem escrita, oral ou de sinais, o importante é dar a liberdade para o aluno se expressar na forma que se sente melhor. Esta liberdade faz com que o aluno se esforce, tornando-se um ser mais consciente, ampliando e aprimorando seu conhecimento.

Pergunta 6: Qual a contribuição do Programa na formação da leitura e escrita para os participantes?

Coordenadora 1 – *Para o aluno no sentido de aperfeiçoar sua escrita de criar novas ideias de ver o mundo com outros olhos com mais experiências através da leitura eu acho.*

Coordenadora 2 – *A obra publicada anualmente é um instrumento de estímulo à leitura. Ler e escrever este é o ponto máximo desta obra. Alguns escrevem e outros leem e os que leem passam a querer escrever, formando um ciclo escritor - leitor-leitor – escritor.*

Segundo a Coordenadora 1, o Programa tem uma contribuição muito importante pois dá um sentido na vida do aluno no sentido de aperfeiçoar sua escrita de criar novas ideias de ver o mundo.

A Coordenadora 2, acredita que o Programa é um instrumento de estímulo pois quem escreve dá a oportunidade para outros colegas lerem e se interessarem em também escrever, virando assim um “ciclo escritor - leitor-leitor – escritor.”

As histórias trazidas nos livros, trazem uma comunicação um compartilhamento de experiências de valores de regras e indagações sobre o que acontece ao redor e além dele. Quem escreve perpassa todos os obstáculos, colocando no papel suas dificuldades e realizações.

Pergunta 7: Como considera a criação e a continuidade do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias neste período de 25 anos, na alternância de governos?

Coordenadora 1 – *Muito positiva, porque eu não esperava isso, eu esperava que quando se aposentasse as pessoas que acreditam nisso e tal o Projeto iria morrer aos poucos e não morreu então eu acho um ganho.*

Coordenadora 2 – *Considero a continuidade deste Projeto como algo inovador, pois nenhum Projeto conseguiu se manter durante todo este tempo, atravessando seis (6) governos.*

Ao responder à questão 7, a Coordenadora 1, acredita que a continuação do Programa é muito positiva, que não acreditava que duraria tanto tempo ela achava que quando se aposentasse as pessoas que não acreditavam no Programa, acabariam com ele.

Já a Coordenadora 2, considera esta continuidade como algo inovador, pois foi o único Programa que conseguiu se manter por seis (6) governos, crescendo e possibilitando que mais crianças e jovens participem desta jornada de leitura e escrita. Mostrando o quanto o Programa se tornou importante para todos que participam dele. Trazendo benefícios para a aprendizagem do aluno, tornando-o mais crítico e menos dependente.

Pergunta 8: Como você considera o Programa abrangendo a diversidade e propiciando a inclusão social no âmbito das escolas?

Coordenadora 1 – *Se surpreendeu porque não sabia que abrangia tudo, serio? É? Se emocionou... O projeto cresceu, em primeiro lugar eu não esperava vou ser bem sincera e segundo eu considero de um aproveitamento para a formação de leitor como uma coisa assim muito especial.*

Coordenadora 2 – *Considero como um avanço, um salto na estrutura do Projeto pois, envolvendo outras culturas, como os indígenas por exemplo. Estamos integrando os leitores e escritores.*

Nesta questão sobre a abrangência do Programa na diversidade e inclusão social levou a Coordenadora 1, às lágrimas, ela se emocionou pois quando deixou a Secretaria o Projeto não tinha avançado tanto assim. Ela não acreditava que o

Programa continuasse e muito menos que crescesse. Mas acredita que o Programa é um incentivo para a formação do leitor.

A Coordenadora 2, considera um avanço esta diversidade pois envolve muitas culturas e ajuda a integrar leitores e escritores. Esta questão sobre diversidade pode ser corroborada nas palavras de Ambrosetti (1999, p. 92), quando ele descreve que “trabalhar com a diversidade não é, ignorar as diferenças ou impedir o exercício da individualidade”. Mas sim dar oportunidade para todos. Esta interação, inclusão pode ser vista nos textos escritos pelos alunos assim como na integração deles quando estão juntos no dia da premiação.

Pergunta 9: Na sua lembrança quais as CRE eram ou são mais participativas no âmbito do Programa?

Coordenadora 1 – *4ª Caxias, 15ª Erechim, 10ª Uruguaiana.*

Coordenadora 2 – *6ª Santa Cruz do Sul, 16ª Bento Gonçalves, 20ª Palmeira das Missões.*

Na questão 9 a Coordenadora 1, lembra que as CRE 4ª, 15ª e 10ª eram bem ativas nos projetos realizados pelo SEBE, mas ao analisar a tabela da participação das CRE percebemos que no ano em que a Coordenadora estava no cargo estas três CRE não trouxeram nenhum finalista.

As CRE relatadas pela Coordenadora 2, participam com mais afinco do Projeto. A 16ª CRE não trouxe finalista nos anos de 94 e 95 depois disso todos os anos a Coordenadoria participa trazendo alunos ganhadores. As CRE 6ª e 20ª também são bem participativas, concorrendo de igual com a 16ª Coordenadoria.

Pergunta 10: Quais sugestões você daria para os próximos coordenadores que podem vir a trabalhar com o Programa?

Coordenadora 1 – *Eu acho que de uma maneira ele é estimulante para os alunos do interior que os alunos do interior não têm esta vivência que tem os da capital que tem biblioteca ali, lá. As escolas da capital são mais sortidas de bibliotecas então para as crianças do interior, porque quantas crianças do interior escrevem tão bem. Quanto bem faz este Projeto.*

Coordenadora 2 – *Que nunca desistam.*

Nesta questão sobre sugestão que dariam para os próximos coordenadores a Coordenadora 1, ressalta a importância de se olhar para os alunos do interior, e o bem que o Programa faz para todos os alunos que participam do mesmo.

A Coordenadora 2, sugere que nunca desistam da continuidade da oferta do Programa.

Os Programas assim como outros projetos ligados a educação devem ter um seguimento se estes claro estiverem ligados a promoção e ao incentivo à leitura, escrita e educação de todos os alunos das escolas Estaduais. Quando projetos e Programas são desenvolvidos de maneira significativa os resultados são positivos assim como ocorre com o Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, pois a aprendizagem relacionada a leitura e escrita acontece e o aluno passa a ser corresponsável pelo seu desenvolvimento intelectual.

9.3 Sujeitos: alunos

Pergunta 1: O que fazes hoje?

Sujeito 1 – *Sou formada em Administração, trabalho em um curso Pré-vestibular na secretaria do curso na parte da manhã e à tarde auxilio meu marido em algumas questões na empresa dele (empresa de transportes) fazendo a parte administrativa/financeiro. Sou mãe de um menino de 13 anos e estou esperando outro bebê que vai nascer em março de 2018.*

Sujeito 2 – *Hoje estou cursando o Ensino Superior de Farmácia.*

Sujeito 3 – *Sou estudante do 3º ano do Ensino Médio.*

Sujeito 4 – *Estudo no 8º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dourado. É uma escola do campo. Mas tenho muito orgulho em fazer parte dela.*

Sujeito 5 – *Estudo.*

Sujeito 6 – *Sou estudante do 7ª ano.*

Sujeito 7 – *Estudo e brinco.*

Sujeito 8 – *Estudo no 4º ano.*

Sujeito 9 – *Estudante do 6º ano.*

A finalidade principal desta questão é verificar o que os sujeitos da pesquisa fazem atualmente, se continuaram ou continuam seus estudos enfim a constatação segundo as respostas foi que sim, segundo o sujeito 1, se formou e atua na área, o sujeito 2, está cursando o Ensino Superior, com exceção do Sujeito1, os demais sujeitos estão estudando.

Pergunta 2: Quando você participou do Programa gostava de ler e escrever? Quem estimulava a leitura? E hoje continua leitor?

Sujeito 1 – *Sim. Gostava mais de ler, escrever nem tanto. Mas lembro que passava muitas tardes na biblioteca da escola fazendo minhas pesquisas da escola, pois naquela época não havia internet, então todos os trabalhos eram feitos através de pesquisa em livros. Sempre gostei de ler e sempre tive contato com a leitura, pois acompanhava minha mãe que era professora quando ia dar aula. Aprendi ler muito cedo, com cinco anos já dominava a leitura. Hoje continuo lendo, principalmente junto com meu filho Bernardo. Leio pra ele desde que era pequeno, e hoje pra incentivar e auxiliar nos trabalhos da escola lemos as obras literárias juntos.*

Sujeito 2 – *Sim gostava muito, sempre gostei de ler os mais variados gêneros literários. Sempre fui estimulada a ler pelos professores e pela minha mãe. Hoje sou apaixonada por livros e leio muito.*

Sujeito 3 – *Sim, gostava de ler. Quem me estimulava a leitura era minha mãe. Hoje leio somente o necessário. Gosto mais de ler artigos e assuntos de meu interesse na internet.*

Sujeito 4 – *Na época os professores, também minha família que sempre me apoiam. Sim continuo lendo. Até porque os educadores falam que quem lê aprende bem mais.*

Sujeito 5 - *Muito. Meus professores e meus pais. Sim.*

Sujeito 6 – *Sim, gostava de ler e escrever também. Meus pais, meus professores e minha dinda que sempre trazia gibis, livros de histórias infantis, para estimular a leitura. Continuo gostando da leitura.*

Sujeito 7 – *Sim, gostava muito. Minha mãe me estimula, hoje continuo lendo.*

Sujeito 8 – *Sim, minha mãe, continuo lendo.*

Sujeito 9 – Sim. A escola, a família e o próprio gosto pela leitura.

Na questão 2, os sujeitos da pesquisa relatam o prazer que sentem pela leitura. O Sujeito 1, responde que gostava mais de ler do que escrever, mas que a leitura sempre fez parte de sua infância e hoje continua pois tem filhos e lê para eles, assim como os demais sujeitos que descrevem que a leitura fez e continua fazendo parte de suas vidas. Leitura segundo Martins (2003, p. 30) se constitui em:

[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano.

Neste contexto podemos dizer que a leitura é uma das formas de aprendizagem, assim como relata o Sujeito 4. A leitura segundo os sujeitos é importante para a formação do aluno, tanto que todos relatam que são estimulados a ler e escrever pela família, mãe, dinda, professores enfim o apoio das pessoas mais próximas estimula o gosto pela leitura. Concordamos com Parreiras (2009, p. 17) quando afirma que:

Um livro dirigido à criança é um produto do mercado, criado, escrito, ilustrado, produzido e editado por um adulto. Quem leva o livro à criança é também um adulto. Isso faz com que a nossa responsabilidade, como educadores seja grande. São os educadores que facilitam o acesso da criança aos livros e a aproxima da literatura.

Os adultos podem ser o espelho para as crianças, quando estas veem um adulto com um livro, certamente elas vão se sentir motivadas a conhecer aquela história, a manusear aquele livro, a ler.

Pergunta 3: Como foi a tua participação no Programa desde a sala de aula até o final? Essa participação contribuiu de alguma maneira na sua vida? Em quais aspectos?

Sujeito 1 – *Foi muito legal. Foi muito importante ter participado e ter meu texto publicado. Sem dúvida foi um estímulo a mais para continuar lendo e escrevendo. Hoje sei a importância da leitura na vida das crianças e para sua formação, mas é muito mais difícil incentivar a leitura hoje devido a influência das tecnologias digitais. Através da leitura que desenvolvemos a habilidade da escrita e também da oralidade, sabendo expressar de forma clara e objetiva nosso pensamento e opinião. A maior contribuição que o concurso “Projeto Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo*

Histórias” foi ter me incentivado a me tornar uma leitora assídua e uma incansável incentivadora da leitura para com meu filho e para com todas as crianças e jovens do meu convívio. Trabalho em um curso preparatório para vestibular e sou também, entre outras funções, responsável pela biblioteca da instituição, da qual cuido com muito carinho e sempre estou motivando os alunos à leitura.

Sujeito 2 – *Minha escola como sendo uma escola do campo sempre participou e incentivou os alunos a ler e escrever, os professores trazem diversos temas e gêneros textuais para a sala de aula, despertando o gosto pelo ler e escrevermos alunos. Na época a professora Salete Fiorini, regente da minha classe trouxe alguns exemplares das Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias para a sala de aula e sugeri que cada aluno produzisse seu texto com tema livre. Como sempre gostei de escrever fiz meu texto em sala de aula e illustrei-o e fiquei muito feliz quando o meu trabalho foi selecionado para participar do Projeto.*

E fiquei mais feliz ainda com a publicação do meu texto no livro. Isso me incentivou ainda mais a ler e escrever, dando-me confiança e prazer em produzir meus próprios textos e até hoje gosto e tenho facilidade em elaborar, criar textos, pois tive uma ótima formação nessa escola.

Sujeito 3 – *Foi legal, me senti honrado e vitorioso. Contribuiu para minha formação e aquisição de experiências. Tive oportunidade de conhecer a SEDUC, foi a primeira vez que dormi em hotel, conheci pessoas, aprendi a autografar, participei da Feira do Livro, fui homenageado pela Câmara de Vereadores do município. Foi maravilhoso.*

Sujeito 4 – *Ótimo. Foi um momento muito especial como aluna e como estudante. Ver meu nome num livro e poder assinar, é um sonho para qualquer aluna. Foi especial. Nunca vou esquecer. Até hoje leio o texto e me emociono. É uma alegria sem fim. Pois até hoje continua a ler e escrever muito, é muito importante o “habito” de ler e escrever, assim eu tenho mais facilidade em me expressar.*

Sujeito 5 – *Foi muito bem. Sim me fez acreditar que eu posso ser mais do que eu penso. Que eu tenho que acreditar em mim e seguir adiante com meus estudos.*

Sujeito 6 – *Foi muito legal. Foi importante ter participado e ter meu texto publicado, foi um estímulo a mais pra continuar lendo e escrevendo. Sei da importância da leitura em nossos estudos. Através da leitura aprendemos nos expressar de forma clara*

nossos pensamentos e opiniões e também aprendemos desenvolver habilidades e competências na leitura e escrita.

Sujeito 7 - *Com o apoio da professora, me ajudando contribuiu pois através da leitura se aprende muito, tudo na vida.*

Sujeito 8 – *Me empenhei muito para poder ser escolhida. Contribuiu no meu conhecimento pois não conhecia Porto Alegre.*

Sujeito 9 – *Observando atentamente o tema proposto e participando de aulas práticas. Sim tendo consciência no uso de agrotóxico e na economia doméstica e escolar.*

A questão 4, mostra que a participação das crianças e jovens no Programa é muito importante para eles. O Sujeito 1, fala da importância de ter participado e o estímulo que o Programa deu em sua vida. Todos falam que já gostavam de ler, mas ao participarem do Programa esta oportunidade renovou a vontade de continuarem a ler mais, tanto que o Sujeito 1, cuida de uma biblioteca e estimula o gosto pela leitura para todos de seu convívio. Todos os sujeitos ressaltam a alegria de terem seus textos publicados e terem a oportunidade de virem a Porto Alegre. O sujeito 3 comenta que através de sua participação no Programa pode conhecer a SEDUC, dormir em um hotel, conhecer pessoas e participar autografando na Feira do Livro, para ele foi tudo maravilhoso além, é claro, de ter sido homenageado pela Câmara de Vereadores de seu município.

Os sujeitos trazem em suas falas o quanto é significativo ter algo que os impulsiona a ler e escrever, o conhecimento que a leitura e a escrita fazem na vida de quem os pratica. Martins (1997), afirma que a leitura é um aprendizado natural, mas exigente e complexo como a própria vida e estes alunos mostram isso ao escreverem seus textos para o Programa. Para Perissé (2005), a leitura permite analisar melhor a realidade, assim como um caminho para o aperfeiçoamento pessoal, pois proporciona o enriquecimento cultural. Ler contribui, dá sentido e desenvolve a capacidade de escrever.

Pergunta 4: Qual a sua percepção em relação à família, aos colegas, à escola ao ser escolhido como finalista na publicação do texto de sua autoria?

Sujeito 1 – *A escola não deu muita ênfase ao acontecido, apenas fui parabenizada. Mas a família achou o máximo.*

Sujeito 2 – *Todos os meus familiares, colegas, direção, professores e comunidade escolar ficaram felizes e agradecidos, principalmente por ser a primeira aluna da escola a ter o texto publicado no livro, isso incentivou os demais alunos a participar do Programa e vários deles tiveram seus textos publicados nos anos seguintes.*

Sujeito 3 – *Não lembro muito bem, mas sei que fiquei muito feliz. Foi uma conquista maravilhosa.*

Sujeito 4 – *Todos ficaram muito felizes, escola, comunidade, família. Foi um momento muito especial. Muitos e muitos parabéns. Até os meios de comunicação como a Rádio Aratiba fez uma homenagem. Isso foi muito bom.*

Sujeito 5 – *Foi ótima porque todos me apoiaram em tudo.*

Sujeito 6 – *Tanto a escola como minha família me incentivaram e ficaram muito felizes com a escolha de meu texto. Nunca imaginamos que eu podia um dia ver meu texto e meu nome num livro. Graças ao Projeto Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias.*

Sujeito 7 – *Fiquei muito feliz por ser escolhida, pelo apoio da minha família, e da escola, é sinal que estão nos apoiando e passando informações.*

Sujeito 8 – *Fiquei muito feliz por ter sido escolhida e a minha família também.*

Sujeito 9 – *Foi ótima, fui abraçada e apoiada pela família, amigos e principalmente por toda a escola.*

O objetivo da questão 5, foi verificar como o aluno finalista foi recebido por todos que convivem com ele. O sujeito 1, relata que a família ficou muito feliz, mas que a escola não deu muita importância. O sujeito 2, informa que sua participação no Programa incentivou outros colegas a participarem, pois ele foi o primeiro aluno da escola a ser finalista e depois disso muitos outros tiveram seus textos escolhidos e publicados. Já os demais sujeitos descrevem que foram apoiados pela família, amigos e principalmente na escola

Estas falas nos mostram o quanto é importante valorizar e estimular cada trabalho realizado pelas crianças e jovens, pois pode ser a partir destes pequenos

gestos, a revelação de um grande escritor ou até mesmo de outras profissões que começaram com um desenho uma história um poema.

Pergunta 5: Qual foi a motivação e/ou inspiração para a escrita do texto premiado?

Sujeito 1 – *Na época não encarei como competição, pois não imaginava que meu texto seria escolhido, apenas fiz o trabalho a pedido da professora, assim como meus colegas fizeram. Acho que a inspiração veio de outras histórias que eu já havia lido. Mas a alegria de ter sido escolhida foi imensa. Foi realmente uma surpresa maravilhosa.*

Sujeito 2 – *Minha escola é uma escola do campo, onde realizamos diversas atividades voltadas ao incentivo a agricultura familiar e permanência das famílias no campo.*

Minha família sempre morou no interior e convivendo com meus avós, plantam e colhem me inspirou a escrever o texto “O Agricultor”, principalmente pela importância que tem essa classe trabalhadora na produção dos mais variados gêneros alimentícios e na importância da escola do campo para essas famílias e comunidade em geral, que encontram nela um apoio e incentivo para continuar a viver no interior.

Sujeito 3 – *O meu primeiro texto “O ratinho” foi inspirado em um amigo imaginário que tinha antes mesmo de ir para a escola, um rato que dirigia carreta, viajava enfim... era um grande amigo.*

Sujeito 4 – *A minha inspiração foi o céu. Todos os dias até hoje quando olho pro céu, lembro da minha história publicada num livro.*

Sujeito 5 – *Foi a saída de casa até a escola. O caminho para a escola. A sala de aula os colegas e professores.*

Sujeito 6 – *A minha inspiração foi através de outras histórias lidas e ouvidas como o tema era preconceito os professores trabalhavam esse tema na sala de aula, e me inspirei e comecei a minha história.*

Sujeito 7 – *O primeiro texto porque gosto da minha escola e o segundo eu mostrei o que quero ser, uma pessoa humilde, sempre. Sabendo respeitar o próximo.*

Sujeito 8 – *Devido ao ano anterior uma colega ter ganho o prêmio, então eu tive motivação para escrever o texto sobre o Ambiente.*

Sujeito 9 - *As aulas de técnicas agrícolas, e com seus trabalhos práticos.*

Esta questão busca identificar onde os finalistas buscaram, se inspiraram na escolha de seus textos. Dutra e Pontes (2014, p. 413), dizem que o sujeito precisa se referenciar no conhecimento que já possui compará-lo com o novo que se apresenta é construir sentidos para suas trajetórias. Por isso que os sujeitos buscam na sua vivência algo que o inspire para compor seu texto. Os sujeitos 2 e 9 se inspiraram na agricultura, por conviverem numa escola agrícola, ou no caminho da escola como relata o sujeito 5.

Outras inspirações aparecem nos relatos dos sujeitos como um amigo imaginário, o céu, a sala de aula, os colegas, a professora, outras histórias lidas e ouvidas, enfim a inspiração vem de todos os cantos. Inspirar para elaborar esta é a forma que as crianças e jovens buscam para produzir seus textos.

Pergunta 6: Você acha importante que outros alunos participem do Programa? Quais sugestões você daria aos próximos escritores participantes do Programa?

Sujeito 1 – *Sim. Acho o projeto muito interessante, pois é um incentivo às crianças a se dedicarem mais a leitura e a escrita e fazer com elas entendam desde cedo o quanto isso é importante para vida pessoal e profissional.*

O conselho que eu daria é que participem do Projeto, que deem sempre o melhor de si e que nunca parem de ler. Quanto mais a gente ler, melhor vai escrever. E quanto mais se escreve, mais aperfeiçoados ficam nossos textos.

Sujeito 2 – *Sim, todos os alunos devem participar mesmo que seus textos não forem escolhidos, a participação servirá para aprimorar seus conhecimentos e adquirir “hábitos” de leitura e escrita. Aos próximos escritores eu diria para não desistir de seus sonhos, se o texto não foi publicado insistir quem sabe na próxima edição ele ser, sempre aprendemos com nossas experiências.*

Sujeito 3 – *Sim. É muito bom é uma experiência inesquecível. Sugiro que os participantes se empenhem ao escrever seus textos, procurem fazer o melhor, pois mesmo não sendo classificado, estão tendo uma oportunidade de aprendizagem.*

Sujeito 4 – *Sim. O Projeto Crianças do Rio Grande Escrevendo Histórias dá oportunidade para nos estudantes expressar o amor pela leitura e escrita. Creio que assim como eu muitos estudantes sentiram a alegria de estar representando o Projeto Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo suas histórias. Eu aconselho que educadores incentivem os educandos a participar cada vez mais. Nossa escola todos os anos os professores incentivam para que todos os alunos participam.*

Sujeito 5 – *Sim. Que eles tenham fé que algum dia eles também vão conseguir. É um sonho.*

Sujeito 6 – *Sim. O Projeto é muito interessante, pois incentiva nós alunos a se dedicar mais a leitura e a escrita, pois vivemos um tempo aonde a tecnologia está tomando conta. O conselho é que participam cada vez mais e que nos dedicamos a ler, escrever e que nunca um educando pense em desistir de ser um bom cidadão.*

Sujeito 7 – *Sim, que realmente escreva o que sente e o que gosta.*

Sujeito 8 – *Sim, que caprichassem em seus textos com boas ideias para também serem vencedores.*

Sujeito 9 – *Sim muito importante, inclusive eu pretendo participar novamente. Ter amor a leitura, compreender textos e escolher o tema que se vai tratar.*

Os sujeitos ao responderem à questão 7, são unânimes ao dizer que é muito importante que outros alunos participem do Programa pois este é um incentivo para que as crianças e jovens se dediquem mais a leitura e a escrita e fazer com que elas entendam desde cedo o quanto ler e escrever é importante para a vida pessoal e profissional.

O Programa assim como outros projetos desenvolvidos na Secretaria de Estado da Educação tem o propósito de levar até o aluno um trabalho onde este possa adquirir conhecimento e aprimorar sua escrita através de textos produzidos por eles. Até porque estamos na era da modernidade, das tecnologias onde as informações são mais rápidas e disponíveis, fazendo com que a leitura, pareça perda de tempo.

10 RESULTADOS DO ESTUDO

Este estudo teve como objetivo principal recuperar a memória social do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias, por meio de relatos de pessoas que participaram da trajetória do Programa, desde a sua criação, coordenação aos seus autores. Esta recuperação da memória está baseada no ser humano que busca nas lembranças fatos do passado para melhor compreender os acontecimentos presentes.

Baseado no contexto de estudo, foi possível conhecer e registrar o percurso do Programa que nasceu e teve a sua continuidade há 25 anos. As entrevistas foram realizadas com doze (12) sujeitos (Secretárias de Educação, Coordenadoras e autores/escritores) onde foi possível alcançar resultados pertinentes em relação aos objetivos propostos pelo estudo realizado. Constatou-se, portanto, que os objetivos foram alcançados.

Durante as entrevistas ficou evidenciada a importância do Programa na vida destes autores, através da leitura, dos textos selecionados, da oportunidade de virem, pela primeira vez a Porto Alegre e, principalmente, autografar seu texto na Feira do Livro. Nas entrevistas realizadas com as Secretárias de Estado e as Coordenadoras ficou comprovada a importância de ter uma biblioteca atuante com a presença do profissional bibliotecário nas escolas para auxiliar os professores nos trabalhos de pesquisa, leitura e escrita realizados com os alunos e a comunidade escolar. Uma das secretárias destacou o mérito dos bibliotecários que conseguiram manter o Programa ativo. Ao mesmo tempo, uma das Coordenadoras reforça esta questão quando afirma que “as crianças que passam na escola que tenha uma boa bibliotecária, estas crianças saem sempre com vontade de ler alguma coisa.”.

Estas respostas deixam claro que os espaços escolares precisam ter e valorizar este profissional que muito tem para oferecer aos nossos estudantes em relação à mediação de leitura. Em Porto Alegre, temos em torno de duzentos e cinquenta e sete (257) escolas estaduais, destas podemos dizer que menos de vinte (20), tem bibliotecário e estes, estão em vias de aposentadoria. O único concurso para bibliotecário na Educação data de 1993, na gestão do então Governador Alceu Colares. Percebemos que a figura deste profissional é imprescindível para o desenvolvimento do trabalho pedagógico da escola e da mediação da leitura, mas infelizmente pouco se faz para que este possa estar nas escolas fazendo seu papel:

disseminar leitura e, conseqüentemente, conhecimento, para embasamento da aprendizagem.

Como solução para o problema sugere-se a abertura de concurso público, no cargo de bibliotecário, no âmbito da Secretaria de Estado da Educação para preencher as vagas existentes nas CRE e nas escolas.

Outro fato destacado pelos sujeitos entrevistados é a atuação do professor de sala de aula, esta pessoa que está à frente, nas escolas, para que crianças e jovens possam aprender através da leitura e conhecimentos construídos e assim ter um futuro melhor. Para a Coordenadora 1, o professor pode ser um problema, “porque quando eles não querem fazer as coisas eles têm tudo ali e eles não fazem. ”

Para a Coordenadora o professor pode ser o problema nas escolas. Segundo ela o professor quando não quer trabalhar, fazer algo pela educação de seu aluno ele não faz.

Porém, os sujeitos entrevistados (alunos), que participaram e participam do Programa referem-se ao professor com uma grande simpatia e respeito. Para eles, são os professores que os incentivam e trabalham em sala de aula para que estes possam participar de projetos e programas como o Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias. Esta reciprocidade entre aluno e professor proporciona um trabalho construtivo fazendo com que os objetivos propostos em sala de aula sejam alcançados.

Durante as entrevistas ficou evidenciado nas falas dos sujeitos o quanto é importante levar para as escolas projetos que estimulem a capacidade de aprendizagem dos alunos, e o Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias é uma dessas ações que traz a cada ano um estímulo a mais para as crianças e jovens das escolas estaduais.

Sabemos da importância da leitura, mas isso só é possível se a escola for atrativa e contar com espaços de lazer e pesquisa tais como: uma biblioteca atrativa, que tenha uma integração com os alunos e também com os professores através de jogos, concursos literários, hora do conto, leitura de textos, teatro entre outras atividades que desenvolvam o gosto pela leitura.

Da mesma forma, este Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias ao envolver crianças com necessidades especiais demonstra que ninguém é diferente apenas existem crianças com limitações, mas que criam, porque a leitura faz um caminho inimaginável que ultrapassa as fronteiras da

criatividade, nos fazendo viajar a lugares incríveis, mas o mais importante nos une e nos faz acreditar que o universo da leitura pode transformar e propiciar a superação.

Verifica-se que os autores, participantes deste estudo, expressam entusiasmo, não só porque suas histórias foram premiadas, como também pela alegria de saber que podem criar e recriar histórias podendo levar a todos os lugares a importância que a leitura tem em suas vidas, desde sua tenra idade até seus avós e bisavós.

O Programa nasceu e trouxe a cada ano mais encantamento, mais união de todas as crianças e jovens, sem distinção de credo ou raça, dando a certeza que as diferenças entre as pessoas não existem no mundo da leitura, superando a diversidade porque ler é uma maneira de brincar de diversas formas e de incluir a todos.

Por isso, a importância de amar o que se faz e valorizar as pessoas que se dedicam à atividade de contar histórias, para que a criança possa acreditar e que este mundo encantado nunca deixe de existir, e a cada dia mais se criem outros projetos de leitura. Este é o Programa Crianças e Jovens do Rio Grande escrevendo Histórias, este é seu propósito levar para todos um novo olhar, uma nova história, não só para as crianças que participam mas para muitas pessoas que vão à Feira do Livro buscar um exemplar para sua coleção ou até mesmo para se inspirar nas histórias publicadas.

Constatou-se pontos positivos e negativos em relação ao Programa. Os pontos positivos, além dos quais já foram relatados, destacam-se a inclusão de todas as crianças e jovens no Programa, bem como a valorização dos professores participantes e o reconhecimento da comunidade em que eles vivem. Hoje, estes alunos, são administradores, jornalistas, médicos, engenheiros, professores e outras tantas profissões e que afirmam que o Programa foi um impulso em suas vidas e orgulhosos de terem participado.

Um dos pontos considerados negativo foi o fato de muitas escolas, professores e alunos nunca terem ouvido falar do Programa, por meio das CRE, situação constatada pela ausência de participação destas escolas no Programa.

Além dos pontos positivos e negativos, ficou evidenciado, nas falas dos sujeitos, a compreensão do objetivo do Programa, que é estimular o processo da escrita e da leitura e que essa produção se multiplique em textos de leituras para muitos, partindo do princípio que as crianças e os adolescentes das escolas públicas têm competências e criatividade para escrever e para ler. E o texto que ela escreve, muitas vezes, num momento solitário, vai se multiplicar pela leitura de milhares de

outras crianças e de outros adolescentes e/ou adultos que irão ler aquele texto, oportunizando a esses o estímulo e a autonomia de também se sentirem com propriedade e com competência para escrever.

Em paralelo, o Programa oportuniza o acesso dos participantes finalistas às atividades educacionais e culturais de Porto Alegre, uma vez que a finalização dele propicia a estes autores e seus professores estarem na Capital para participar da Sessão de Autógrafos do livro, no decorrer da Feira do Livro.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no resultado da pesquisa podemos concluir que o Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias: 25 anos de escrita e leitura, uma memória a recuperar foi escrito com o intuito de ressignificar a história deste Programa que vem auxiliando o desenvolvimento da leitura e da escrita com crianças e jovens de duas mil quinhentas e cinquenta e sete (2557) escolas estaduais espalhadas por todo o Rio Grande do Sul com o apoio das trinta (30) CRE que trabalham auxiliando o SEBE na organização (execução) deste Programa.

É possível apontar como de grande significado um dos fatores interessantes do Programa que foi a continuidade pois é um fato inédito em um órgão público, onde a cada mudança de governo os programas e os projetos são extinguidos para dar espaços a novas propostas dando visibilidade ao partido político que está assumindo o novo governo.

A constatação da ausência de registros, no âmbito da SEDUC, possibilitou que este estudo contribuísse na busca da “memória” de quem trabalhou e/ou participou do Programa fragmentos dessa trajetória que reconstitui a história que enaltece a existência e continuidade do Programa, recuperando autores das primeiras edições.

No decorrer do trabalho, fomos observando que ele foi se modificando, se adaptando aos novos tempos e às novas tecnologias, podendo ser destacadas como formas de evolução que o Programa sofreu, nestes 25 anos: as mudanças nas capas; o aumento dos finalistas que, no início, não era mais do que 20 (vinte) e hoje são quase cem (100), os desenhos os temas, a participação dos alunos desde a educação infantil ao ensino médio, Educação Especial, indígenas, enfim este Programa busca, incluir todas as crianças e adolescentes como cidadãos, ou seja, sujeitos de direitos.

Observou-se a grande empatia que ocorre entre todos os autores quando se encontram em Porto Alegre para receber seus certificados e autografar seus textos, superando a diversidade e convivendo com a inclusão e a cidadania. É o encontro de todas as diversidades em um único momento: brancos, pretos, indígenas, crianças com necessidades especiais, enfim o Programa do início ao final busca contemplar as necessidades de todos com o objetivo de diminuir a exclusão social e o preconceito.

Tendo em vista a grandiosidade do Programa destacamos a gratificação em recuperar a trajetória da sua realização e colaborar para a socialização de um

Programa com alto grau de importância na vida de tantas pessoas, crianças, jovens, idosos, enfim todos que de alguma forma participam desta jornada de escrita e leitura, engrandecendo a sociedade gaúcha. Acreditamos que um Programa que se mantém durante tanto tempo, ininterruptamente, está consolidado pelas escolas, pelas Coordenadorias e pela SEDUC. No decorrer do trabalho fomos observando que ele foi se modificando, se adaptando aos novos tempos e as novas tecnologias.

Finalizamos este estudo, aspirando que este seja uma contribuição a ser utilizada pela Secretaria de Estado da Educação como um instrumento de avaliação para a o aperfeiçoamento e continuidade do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias.

REFERÊNCIAS

AMBROSETTI, N.B. O “Eu” e o “Nós”: trabalhando com a diversidade em sala de aula. In: ANDRÉ, Marli. (Org.). **Pedagogias das Diferenças na Sala de Aula**. São Paulo: Papirus, 1999.

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE MUNICÍPIOS. **Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias**. 2013. 21ª edição. 1 fotografia, color.

Disponível em: <<http://www.agm.org.br/noticias/criancas-e-jovens-do-rio-grande-escrevendo-historias-livro>>. Acesso em: 30 nov.2017.

BAKHTIN, Mikhtin. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: [s.n.], 1996.

Disponível em: < <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988. Disponível em: <

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1?concurso=CFS%202%202018>. Acesso em: 09 ago. 2017.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução aos Parâmetros curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional.

Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: o trabalho com gêneros textuais na sala de aula: ano 02, unidade 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, 2012.

Disponível em: <

http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_2_Unidade_5_MIOLO.pdf>.

Acesso em: 16 jun. 2017.

BETA Redação. Carlos e Thiago: entrevista [nov. 2016]. Entrevistadora: Luisa Boéssio. Porto Alegre: Feira do Livro, 2016. **Entrevista concedida ao Projeto**

Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias. Disponível em: <

<http://www.betaredacao.com.br/criancas-e-jovens-do-rio-grande-escrevendo-historias/>>. Acesso em: 14 setembro 2017.

BOENTE, Alfredo. **Metodologia Científica Contemporânea para Universitários e Pesquisadores**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. Características da Investigação Qualitativa. In: **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

COSTA, Ana Alice. **Desenhos dos alunos da Educação Especial**. 2014. 1 fotografia, color.

_____. **Capas dos Livros do Programa**. 2017. 1 fotografia, color.

_____. **Comparativo entre Integração e Inclusão**. 2005. QUADRO (1)

_____. **Desenhos dos Alunos da Educação Indígenas**. 2017. fotografia, color.

_____. **Desenhos da Educação Infantil**. 1 fotografia, color.

_____. **Desenho e Escrita de Paloma Puntel**. 2007. 1 fotografia, color

_____. **Texto da finalista Jaíne Reuse**. 2017. 1 fotografia, color.

_____. **Gestão de 1993 a 2017**. QUADRO (2).

_____. **Trabalhos selecionados no Programa Crianças e Jovens Escrevendo Histórias**. 2017. TABELA (1).

_____. **Critério de Avaliação dos textos “Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias**. 2017. QUADRO (3).

_____. **Coordenadorias Regionais de Educação**. 2017. Fotografia, color.

_____. **CRE que mais participaram do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias**. 2017. TABELA (2).

_____. **Total de participação das CRE**. 2017. Fotografia, color.

_____. **Escolas mais Participantes do Programa Crianças e Jovens Escrevendo Histórias**. 2017. QUADRO (4).

_____. **Sujeitos do Estudo - Secretárias e Coordenadoras**. 2017. QUADRO (5).

_____. **Sujeitos do Estudo – Crianças e Jovens**. 2017. QUADRO (6).

_____. **Sessão de autógrafos 24ª edição**. 1 fotografia, color.

_____. **Mensagens das Pessoas que passam pela Feira do Livro**. 2017. 1 fotografia, color.

_____. **Secretária- adjunta Iara Wortmann (direita) e a Coordenadora do SEBE Maria do Carmo Mizetti (esquerda)**. 1 fotografia, color.

_____. **Secretária Neuza Canabarro (1993, direita) e a Coordenadora (1993, esquerda) Jane Bestetti**. 1993, 1 fotografia, color.

DANTAS, Adriana. **Produção Textual**. Pernambuco: [s.n.], 2013. Disponível em: <https://sisacad.educacao.pe.gov.br/bibliotecavirtual/bibliotecavirtual/texto/CadernoMultimeiosProduoTextualRDDI.doc.pdf>. Acesso em: 24 maio 2017.

DAVID, Alves. **Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias**. Porto Alegre: [s.n.], 2014. 22ª edição. 1 fotografia, color. Disponível em: < <http://www.rs.gov.br/lista/1748/lancamento-de-livro-seduc>>. Acesso em: 30 nov.2017.

DECLARAÇÃO de Salamanca Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. [S.l.: s.n.], 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 30 nov.2017.

DENZIN, Norma, K.; LINCOLN, Yvonna S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (Org). **Por que Memória Social?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. Disponível em: < http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf>. Acesso em: 24 maio 2017.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

FEREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, J.R. Educação especial, inclusão e política educacional: notas brasileiras. In: RODRIGUES, David. (Org.). **Inclusão e Educação - doze Olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo. Editora Summus, 2006.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

FONSECA, João. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GADOTTI, M. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000,

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2017.

GERALDI, João Wanderley. **O Texto na Sala de Aula: leitura e produção**. 2ª. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. _____. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo:

Atlas, 2007.

_____. _____. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em: 09 ago.2017.

GONDAR, Jô. Quatro Proposições sobre Memória Social. In: **O Que é Memória Social?** Jô Gondar e Vera Dodebei (Orgs.). Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/pesquisas/cultura_digital/patrimonio_cultural_e_midias_digitais/textos/07-05-25_Artigo_Jo_Gondar-Memoria_Social.pdf>. Acesso em: 9 jun.2017.

GOODMAN, Kenneth . O Processo de Leitura: Considerações a Respeito das Línguas e desenvolvimento. In: FERREIRO, Emília; PALACIO, Margarida Gomes (Coord.). **Processo de Leitura e Escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de, (Org.). **Infância e Velhice: Pesquisa de ideias**. Campinas, SP, 2003.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Desafios da diversidade na escola. **Revista Mediações**, Londrina, v.5, n,2, p,9-28, jul. /Dez, 2000. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9158/7749>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

IMBERNÓN, J. (Org.). **A Educação no Século XXI: Os desafios do futuro imediato.**, [S.l.: s.n.], Disponível em: <<http://www.uepg.br/formped/disciplinas/HistoriaEducacao/Ed.%20no%20Seculo%20XXI.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre Memória**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 15-25.

KEHRWALD, Isabel Petry. Ler e escrever em artes visuais. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (Orgs.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 5. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2011. p. 27 – 37.

KONZEN, Paulo Roberto. **O Conceito de Diversidade (Verschiedenheit) na Ciência da Lógica e na Filosofia do Direito de Hegel**. [S.l.], 2012. Disponível em: < http://www.hegelbrasil.org/Reh_17_04.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2017.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

LERNER. Delia. **Ler e Escrever na Escola: O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed. 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 2010.

LIMA, Elvira de Souza. “**Currículo e desenvolvimento humano**”. In: MOREIRA, Antonio Flávio e ARROYO, Miguel. Indagações sobre currículo. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, nov. 2006, p.11-47.

LOBO, L. F. **Deficiência**: prevenção, diagnóstico e estigma. In: LEITÃO, Maria Beatriz S; BARROS, Regina Benevides de; CONDE, Heliana. (Org.). Grupos e Instituições em análise. Rio de Janeiro, 1992, v. 1, p. 113-126.

LOPEZ, Immaculada. **Memória Social**: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local. São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual**: análise de gênero e compreensão; São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MEC/SEF- Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília, [s.n], 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2017.

MENESES, U. T. B. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Z. L. **Arquivos, Patrimônio e Memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (Org.) **Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. **Ler e Escrever**: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. São Paulo: **Projeto História**, v.10, p. 7-28, dez/1993. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuarial/Downloads/12101-29004-1-SM.PDF>>. Acesso em: 04 jun.2017.

OMOTE, S. Deficiência e não-deficiência: recortes do mesmo tecido. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v. 1, n. 2, p. 65-73, 1994. Disponível em: <

http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista2numero1pdf/r2_art06.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2017.

PARREIRAS, Nínia. **Confusão de Línguas na Literatura**: o que o adulto escreve, a criança lê. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PERISSÉ, Gabriel. **Elogio da Leitura**. São Paulo: Manole, 2005.

PILLAR, Analice Dutra; PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. Memoriais de Formação: o dizer da experiência na escrita ou a escrita como experiência. **Educação**. V.37, n.3, set/dez. 2014. Disponível em: <
<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/110362/000951478.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 jun.2017.

ROSA, Douglas Corrêa da. A produção de textos como prática social. **Anais do SIELP**. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758. Disponível em: < http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_097.pdf>. Acesso em: 20 jun.2017.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia (Org). **Individualismo, Sociabilidade e Memória**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFRGS. Porto Alegre: Deriva, 2009.

SÁNCHEZ, Arnaiz Pilar. A educação Inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. **INCLUSÃO: Revista da Educação Especial**, Brasília, v.1, n. 1, 2005. Disponível em: <
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias**. 2016. 1 fotografia, color. Disponível em: <
<http://www.educacao.rs.gov.br/estudantes-fazem-a-festa-no-lancamento-do-criancas-e-jovens-do-rio-grande-escrevendo-historias>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

_____. _____. 2015. 1 fotografia, color. Disponível em: <
<http://www.educacao.rs.gov.br/galeria-de-fotos-2016>>. Acesso em: 30 nov.2017

SILVA, Edna Lúcia da, MENEZES, Estera Muszkat. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVEIRA. Éder da Silva. **História Oral e Memória**: pensando um perfil de historiador etnográfico. São Paulo: [s.n], 2007. Disponível em:<
<file:///C:/Users/Ana/Downloads/835-2834-1-PB.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2010.

TEBEROSKI, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a Ler e a Escrever**: uma proposta construtiva. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais 1994**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2017

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A – Guia de Perguntas para as Secretárias de Estado de Educação

Nome

Idade:

Sexo:

Grau de instrução:

1. Qual o período de gestão na Secretaria de Estado da Educação?
2. Como considera a criação e a continuidade do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias neste período de 25 anos, na alternância de governos?
3. No âmbito da educação como consideras o Programa no estímulo da leitura e da escrita dos alunos da educação básica?
4. Como você considera o Programa abrangendo a diversidade e propiciando a inclusão social no âmbito das escolas?
5. Quais sugestões você daria aos coordenadores do Programa?

APÊNDICE B – Guia de Perguntas para as Coordenadoras.

Nome:

Idade:

Sexo:

Grau de instrução:

1. Qual a proposta inicial do Programa?
2. Como foi a experiência na coordenação do Programa?
3. Quais foram as maiores dificuldades e os grandes avanços na realização do Programa?
4. Consideras o Programa como transformador social do indivíduo? Por quê?
5. Quais os impactos que o Programa tem para os educandos em sua opinião?
6. Qual a contribuição do Programa na formação da leitura e escrita para os participantes?
7. Como considera a criação e a continuidade do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias neste período de 25 anos, na alternância de governos?
8. Como você considera o Programa abrangendo a diversidade e propiciando a inclusão social no âmbito das escolas?
9. Na sua lembrança quais as CRE eram, são mais participativas no âmbito do Programa?
10. Quais sugestões você daria para os próximos coordenadores que podem vir a trabalhar com o Programa?

APÊNDICE C – Guia de Perguntas para Alunos que Participam do Programa.

Nome

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

1. O que fazes hoje?
2. Quando você participou do Programa gostava de ler e escrever? Quem estimulava a leitura? E hoje continuas leitor?
3. Como foi a tua participação no Programa desde a sala de aula até o final? Essa participação contribuiu de alguma maneira na sua vida? Em quais aspectos?
4. Qual a sua percepção em relação à família, aos colegas, à escola ao ser escolhido como finalista na publicação do texto de sua autoria?
5. Qual foi a motivação e/ou inspiração para a escrita do texto premiado?
6. Você acha importante que outros alunos participem do Programa? Quais sugestões você daria aos próximos escritores participantes do Programa?

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Ana Alice da Costa, solicito a sua colaboração para (esta) pesquisa que subsidiará o meu trabalho de projeto de Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS), orientada pela prof. Eliane Lourdes da Silva Moro. Esta pesquisa pretende Verificar como poderá ser pesquisada a memória social do “Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias”, da Secretaria de Estado da Educação, no período de 1992 a 2016. Os dados e resultados individuais desta pesquisa se encontram em sigilo e com o intuito único e exclusivo para fins acadêmicos e éticos.

A pesquisa se dará pela aplicação de uma entrevista semiestruturada para as Coordenadoras, Secretárias e alunos que participaram em algum momento do Programa.

Eu _____, manifesto expressamente meu entendimento e consentimento para a realização da pesquisa e aceito que os dados recolhidos assim como o uso da imagem (foto), colocadas no trabalho permaneçam como propriedade da Pesquisadora responsável e autora Ana Alice da Costa.

Porto Alegre, _____ de 2017.

Assinatura do participante e/ou seu responsável

Nº Carteira de Identidade

ANEXO A – Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias: 25ª edição

Tendo por objetivo principal estimular a auto-expressão do aluno, valorizando sua produção gráfica e textual, consolidadas pelo hábito da leitura desenvolvido na Escola, o PROGRAMA CRIANÇAS E JOVENS DO RIO GRANDE ESCRREVENDO HISTÓRIAS chega em 2017, na sua 25ª edição.

A produção deste livro é o resultado de um trabalho sistemático e contínuo, voltado para a formação do hábito de leitura, incentivo à produção textual e valorização do aluno no contexto educacional.

Na Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental, os trabalhos podem ser apresentados por meio de desenhos, em produções individuais, enquanto que os demais níveis podem apresentar suas produções nos diferentes gêneros literários (poesia, conto, crônica, HQ, etc.), acompanhados ou não de ilustrações criadas pelo autor.

Os trabalhos são preservados na íntegra, conservando a originalidade, a autenticidade e a criatividade dos autores.

Os textos e produções artísticas serão selecionados pela SEDUC, através da Comissão Técnica Julgadora, que avaliará os melhores trabalhos para publicação no livro.

A culminância do Programa é o lançamento do livro numa cerimônia de premiação, que acontecerá em dois momentos festivos, um na Secretaria Estadual da Educação e outro na Feira do Livro de Porto Alegre.

REGULAMENTO

O Departamento Pedagógico da Secretaria de Estado da Educação, apresenta através do presente *regulamento*, as condições necessárias para a participação no *Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias/25 anos – 2017*.

OBJETIVO

O *Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias* visa estimular a auto-expressão do aluno (crianças e jovens), valorizando sua produção gráfica e textual, consolidadas pelo hábito da leitura desenvolvido na Escola.

ATIVIDADE: TEMA LIVRE

A temática a ser desenvolvida nos trabalhos ficará a cargo dos próprios alunos e os temas, devem ser inseridos e articulados com as ações desenvolvidas em sala de aula, conforme o nível de ensino de cada aluno participante e contextualizados pelo professor responsável **(é expressamente proibido o uso de cópia ou plágio de textos já publicados)**.

REQUISITOS PARA A PARTICIPAÇÃO

- ❖ Ser aluno matriculado e frequente da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul da Educação Infantil ao Ensino Médio;
- ❖ Executar o trabalho na escola com a supervisão do professor;
- ❖ Apresentar apenas 01 (um) trabalho por aluno;
- ❖ Contextualização do professor é obrigatória. Os trabalhos não contextualizados serão eliminados;
- ❖ Trabalhos que não vierem acompanhados da Ficha de Inscrição (ANEXO 1) e com cópia digitada **serão eliminados**.

CATEGORIAS DE TRABALHOS

1. Produção gráfica: Poderão participar desta categoria de trabalho, os alunos da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental, através da realização de um desenho que deverá:

- a) ser apresentado em folha de ofício tamanho A4, com uso de material ou técnica ilustrativa livre;
- b) ser relacionado aos temas propostos, desenvolvidos em sala de aula e acompanhado de um pequeno texto contextualizado pelo professor;
- c) ser produção individual.

2. Produção textual: Poderão participar desta categoria de trabalho, os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, através de produção textual que deverá:

- a) ser apresentado em folha de ofício tamanho A4;
- b) ser pertinente aos temas desenvolvidos em sala de aula e acompanhado de um pequeno texto contextualizado pelo professor;
- c) ser produção individual.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS, TRANSITÓRIAS E FINAIS.

- 1) A adesão ao Programa é voluntária, através da escola, endossada por professores que desejarem aderir ao mesmo, obedecendo às indicações do SEBE/DP.
- 2) Somente pode concorrer o aluno que preencher todos os requisitos estabelecidos no presente Regulamento.
- 3) Os textos apresentados devem ser produzidos pelos alunos, **EM SALA DE AULA**, com a supervisão do professor.
- 4) Os textos podem estar acompanhados de ilustrações, quando criados pelo próprio autor (**não copiadas de personagens conhecidas**).
- 5) Os trabalhos escritos deverão ser apresentados em sua forma original, acompanhado de cópia digitada em folha A4, tendo como folha de rosto a ficha de inscrição (ANEXO I).

- 6) As elaborações dos trabalhos deverão desenvolver-se no período compreendido **entre os meses de abril e maio do corrente ano.**
- 7) Os trabalhos devem ser remetidos ao SEBE/DP, impreterivelmente, **até o dia 27 de maio de 2017.**
- 8) Os trabalhos enviados para apreciação **NÃO SERÃO DEVOLVIDOS.**
- 9) As decisões da comissão julgadora, é soberana e dela não cabem recursos;

DA COMISSÃO JULGADORA E SELEÇÃO DOS TRABALHOS

1. Comissão Julgadora: composta por integrantes da Secretaria de Educação, com representação da Assessoria de Comunicação do Gabinete do Secretário, do Departamento Pedagógico e SEBE, que irá deliberar sobre os casos omissos.

DIREITOS AUTORAIS

Conforme termo de cessão de direitos constante na ficha de inscrição (item5).

CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO

A Cerimônia de premiação acontecerá em dois momentos festivos, um na SEDUC e outro na Feira do Livro de Porto Alegre.

Os alunos premiados virão a Porto Alegre acompanhados de seus professores, em data agendada pela Comissão Estadual.

ANEXO I**PROGRAMA CRIANÇAS E JOVENS DO RIO GRANDE ESCRIVENDO
HISTÓRIAS****FICHA DE INSCRIÇÃO**

Para encaminhamento de trabalho, é necessário o mesmo estar acompanhado desta ficha de inscrição devidamente preenchida. (Com letra de forma legível, datilografada ou digitada)

1) DADOS DA ESCOLA

CRE _____ Nome da escola: _____

Diretor da escola: _____

Endereço institucional: _____

Cidade: _____ CEP: _____ Fone com DDD: _____

E-mail: _____

2) DADOS DO ESTUDANTE

Nome completo: _____

RG (se possuir): _____ Idade _____ Sé r i e: _____

É portador de alguma necessidade especial? Qual? _____

Endereço residencial: _____

Cidade: _____ CEP: _____ Fone com DDD: _____

Título do texto: _____

Possui ilustração: () sim () Não

3) DADOS DO PROFESSOR

Nome completo: _____

ID Funcional: _____

E-mail: _____

ANEXO B – Fotos e Mensagens da Trajetória do Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias

Figura 10 – Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias – 22ª edição



FONTE: DAVID ALVES. 2014.

Figura 11 – Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias



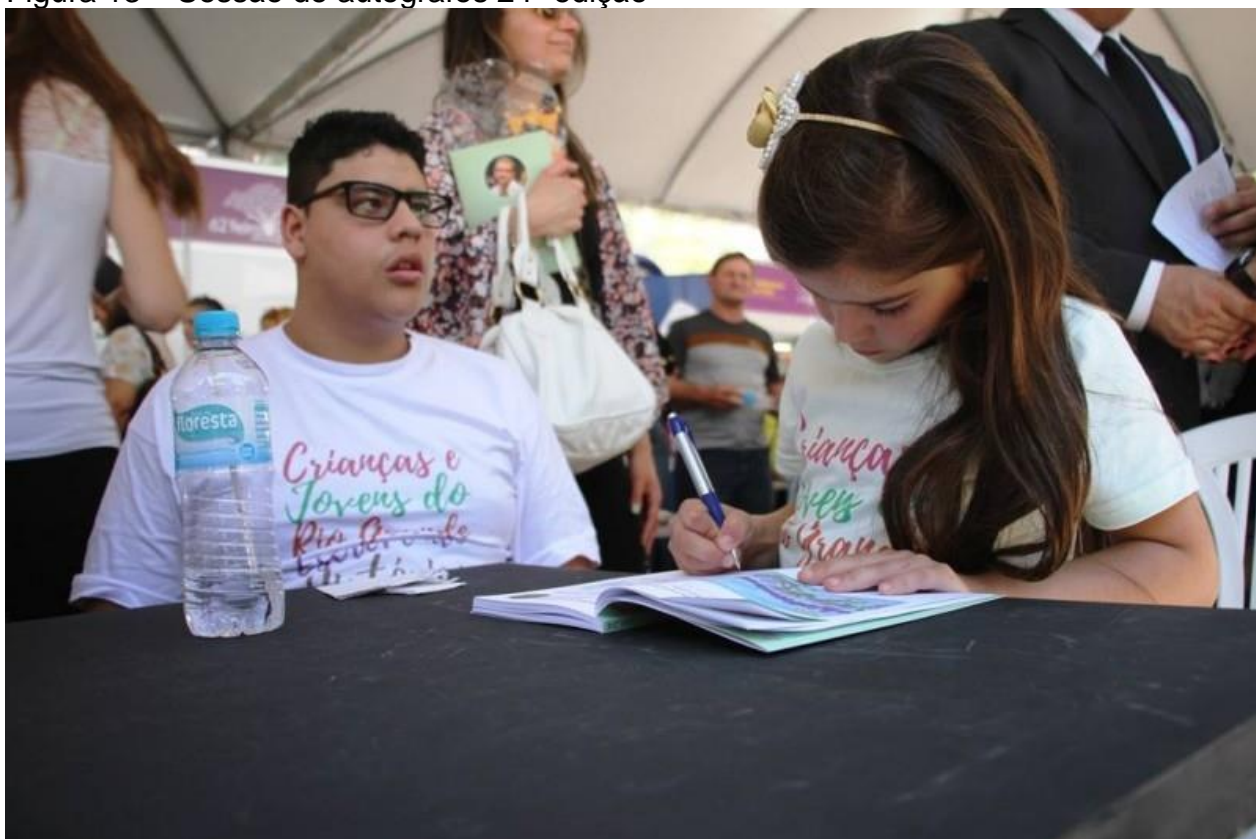
Fonte: ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE MUNICÍPIOS, 2013.

Figura 12 – Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias



Fonte: COSTA, 2016.

Figura 13 – Sessão de autografos 24ª edição



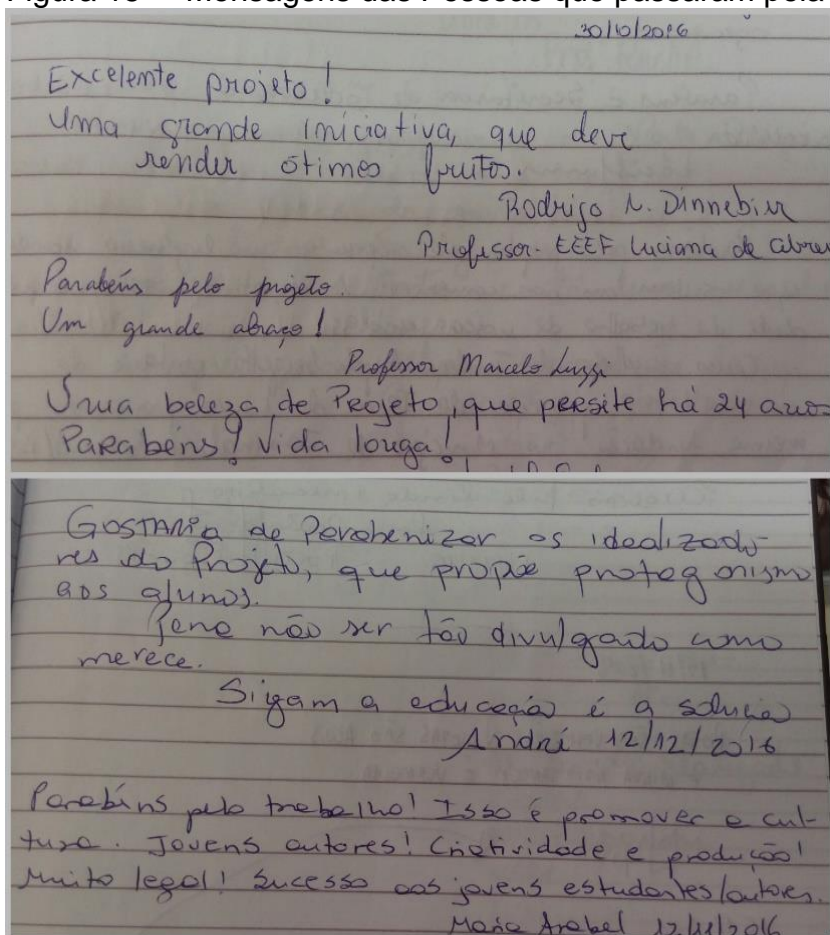
Fonte: COSTA, 2017.

Figura 14 – Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias



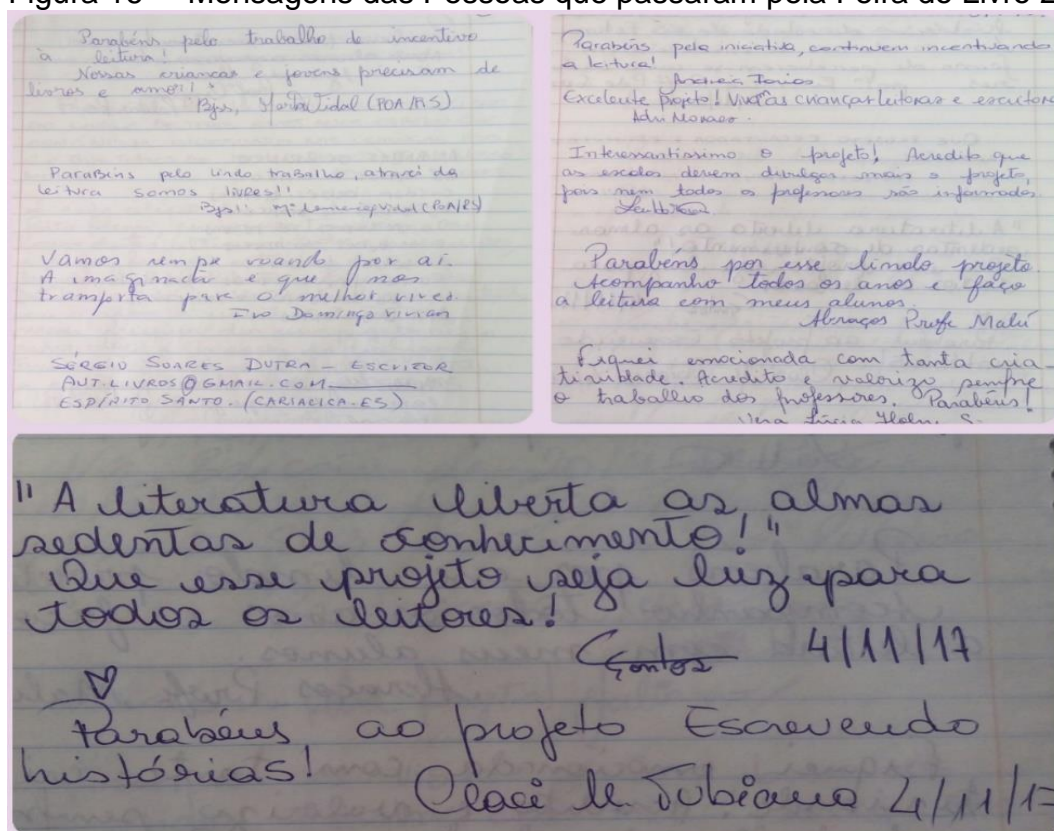
Fonte: COSTA, 2017.

Figura 15 – Mensagens das Pessoas que passaram pela Feira do Livro 2016.



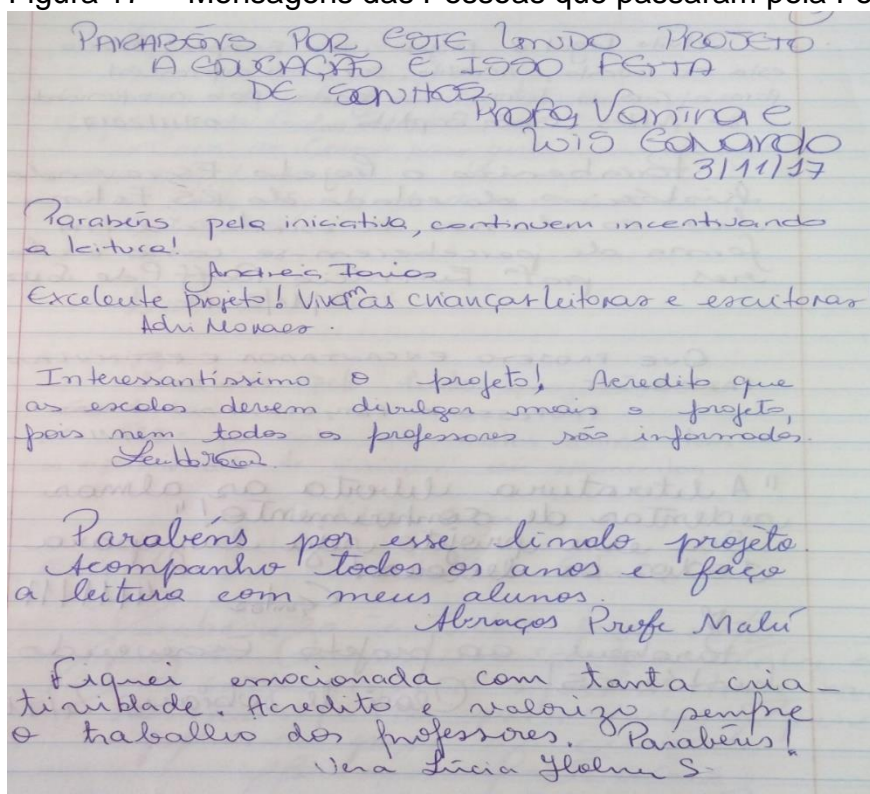
Fonte: COSTA, 2017.

Figura 16 – Mensagens das Pessoas que passaram pela Feira do Livro 2017.



Fonte: COSTA, 2017.

Figura 17 – Mensagens das Pessoas que passaram pela Feira do Livro 2017.



Fonte: COSTA, 2017.

Figura 18 – Secretária- adjunta Iara Wortmann (direita) e a Coordenadora do SEBE Maria do Carmo Mizetti (esquerda)



Fonte : COSTA,2017

Figura 19 – Secretária Neuza Canabarro (1993, direita) e a Coordenadora (1993, esquerda) Jane Bestetti



Fonte: COSTA, 2017.